

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

IGOR OTÁVIO DALMORO

UM ESTUDO ENUNCIATIVO DOS SENTIDOS DA EXPRESSÃO *NOVO NORMAL*
NA PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL

CÁCERES-MT

2026

IGOR OTÁVIO DALMORO

**UM ESTUDO ENUNCIATIVO DOS SENTIDOS DA EXPRESSÃO *NOVO NORMAL*
NA PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação do professor Dr. Taisir Mahmudo Karim

CÁCERES-MT

2026

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

D148e Dalmoro, Igor Otávio.

UM ESTUDO ENUNCIATIVO DOS SENTIDOS DA EXPRESSÃO NOVO NORMAL
NA PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL / Igor Otávio Dalmoro. -
Cáceres, 2026.

71f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes
Maldonado", Linguística/CAC-PPGL - Cáceres - Mestrado Academico,
Campus Universitário De Cáceres "Jane Vanini".

Orientador: Taisir Mahmudo Karim.

1. Sentidos. 2. Semântica do Acontecimento. 3. Pandemia. 4.
Novo normal. I. Karim, Taisir Mahmudo. II. Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 81'373.611:81'42

IGOR OTÁVIO DALMORO

**UM ESTUDO ENUNCIATIVO DOS SENTIDOS DA EXPRESSÃO *NOVO NORMAL*
NA PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Taisir Mahmudo Karim

Orientador – PPGL/UNEMAT

Prof. Dr. Rose Kelly Dos Santos Martinez Fernandez

Avaliador Interno – PPGL/UNEMAT

Prof. Dr. Wolber Sebastião Pereira

Avaliador Interno – PPGL/PPGL

Marisa da Silva Magalhães

Avaliador externo - UFR

APROVADA EM: ____ / ____ / ____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente à Line (*in memoriam*), uma querida amiga que conheci na fração de segundos que é vida, e que foi retirada por circunstâncias que, se não evitáveis, ao menos poderiam ter sido minoradas em razão da pandemia. Dedico também às mais de 700 mil pessoas, que também eram amigas, pais, mães e filhos, pessoas reais, para além de dados estatísticos, vítimas de um obscurantismo negacionista que assolou o Brasil em um momento em que dar ouvidos às evidências científicas era condição indispensável para a proteção da vida.

*Queria querer gritar setecentas mil vezes
Como são lindos, como são lindos os burgueses
E os japoneses
Mas tudo é muito mais
Será que nunca faremos senão confirmar
A incompetência da América católica
Que sempre precisará de ridículos tiranos?
Será, será, que será, que será, que será?
Será que esta minha estúpida retórica
Terá que soar, terá que se ouvir por mais zil anos?
Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Índios e padres e bichas, negros e mulheres
E adolescentes
Fazem o carnaval
Queria querer cantar afinado com eles
Silenciar em respeito ao seu transe, num êxtase
Ser indecente
Mas tudo é muito mau
Ou, então, cada paisano e cada capataz
Com sua burrice, fará jorrar sangue demais
Nos pantanaís, nas cidades, caatingas
E nos gerais
Será que apenas os hermetismos pascoaís
Os tons, os mil tons, seus sons e seus dons geniais
Nos salvam, nos salvarão dessas trevas
E nada mais?
Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Morrer e matar de fome, de raiva e de sede
São tantas vezes
Gestos naturais
Eu quero aproximar o meu cantar vagabundo
Daqueles que velam pela alegria do mundo
Indo e mais fundo
Tins e Bens e tais*

(Caetano Veloso)

[...] a organização enunciativa, o como se diz, é um processo constante de determinação. Analisar este processo é buscar interpretar como e quais determinações se dão num acontecimento específico de linguagem, um texto, por exemplo. Acontecimento, de resto, determinado por outros acontecimentos anteriores e posteriores.

(Eduardo Guimarães)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me fortalecer nos momentos de dificuldade, iluminar meus caminhos e renovar minha esperança a cada etapa desta jornada.

À Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado – UNEMAT e aos seus professores do Curso de Letras e demais Instituições, que firmaram parcerias para a concretização da implantação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, por favorecer, de forma ética, acolhedora e comprometida, a qualificação de seus acadêmicos e a consolidação efetiva da pesquisa, contribuindo significativamente para a formação científica e profissional de seus estudantes.

Ao meu orientador Prof. Doutor Taisir Mahmudo Karim, pelo seu acolhimento e suas orientações de forma sempre pertinentes e relevantes para meu conhecimento profissional, bem como por me oportunizar de participar de pesquisas na área da Semântica do Acontecimento, vinculadas à Linha de Pesquisa: Estudos de Processos de Significação, experiência que foi fundamental para a minha formação acadêmica e científica.

Agradeço com carinho a convivência prazerosa com meus colegas e amigos de Mestrado e do grupo de pesquisa *Significar-MT* da UNEMAT.

Aos professores da banca examinadora da qualificação pela orientação e sugestões na pesquisa.

Agradeço ao Prof. Doutor Eduardo Guimarães pelas orientações e atenção nas nossas conversas.

Agradeço ao Sistema Único de Saúde (SUS), que, mesmo em tempos de constantes desafios, manteve seu compromisso com a promoção, proteção e recuperação da saúde da população brasileira, por seu papel fundamental na prevenção de doenças e na preservação da vida por meio da vacinação, garantindo o acesso universal à saúde e reafirmando seu compromisso com a vida, a ciência e a dignidade humana.

À minha mãe, Elveni Salete Dalmoro, por seu amor incondicional, pelo incentivo constante, pelas orações, pelos ensinamentos, por acreditar em mim em todos os momentos, por sua dedicação, força e apoio essenciais para que eu pudesse superar os desafios e alcançar esta conquista.

Às minhas sobrinhas, pelo carinho, pela alegria e pelos momentos de leveza que tornaram esta caminhada mais feliz.

RESUMO

Esta pesquisa, vinculada à na área de concentração “Estudo de Processos Linguísticos”, na linha de pesquisa dos “Estudos dos Processos de Significação”, investiga a constituição de sentidos das relações designativas de *novo normal*, objeto das nossas análises, em dizeres na pandemia da Covid-19. Considerando que o enunciado é um elemento linguístico que integra o texto e produz sentido na enunciação, isto é, no acontecimento do dizer, nosso *corpus* reúne enunciados publicados ao longo do primeiro ano da pandemia, em 2020, nos portais digitais de notícias do Brasil. Ao buscar pela ocorrência da expressão *novo normal* em textos jornalísticos, enquanto fontes confiáveis sobre a pandemia da Covid-19, selecionamos os seguintes *websites*: *Revista Fórum*, *Revista Veja* e *Correio Braziliense*. Selecionamos ainda enunciados do *Jornal da Cidade Online*, a partir dos quais os sentidos desestabilizam as informações do que é considerado científico e confiável. Tomamos os construtos teóricos da Semântica do Acontecimento de Guimarães (2018), cujo objeto de estudo é significação enquanto uma disciplina histórica, linguística e relativa ao sujeito que enuncia para observar como o agenciamento pelo acontecimento instaura condições de dizer que possibilitam a produção de determinados sentidos. Vemos como é na/pela enunciação que se permitem a produção de certos sentidos, e não de outros em *novo normal*, de forma a contribuir com os estudos enunciativos.

Palavras-Chave: 1. Sentidos; 2. Semântica do Acontecimento; 3. Pandemia; 4. Novo normal;

ABSTRACT

This research, situated within the concentration area “Study of Linguistic Processes” and the research line “Studies of Signification Processes”, investigates the constitution of meanings in the designative relations of *new normal*, the object of our analysis, in statements during the Covid-19 pandemic. Considering that the utterance is a linguistic element that integrates the text and produces meaning in enunciation, that is, in the event of saying, our corpus consists of utterances published throughout the first year of the pandemic, in 2020, on Brazilian digital news portals. In searching for occurrences of the expression *new normal* in journalistic texts, regarded as reliable sources on the Covid-19 pandemic, we selected the following websites: *Revista Fórum*, *Revista Veja*, and *Correio Braziliense*. We also included utterances from *Jornal da Cidade Online*, in which meanings destabilize information considered scientific and trustworthy. We adopt the theoretical constructs of Guimarães’ (2018) Semantics of the Event, whose object of study is signification as a historical, linguistic discipline relative to the subject who enunciates, to observe how agency through the event establishes conditions of saying that enable the production of certain meanings. We demonstrate how it is in/by enunciation that the production of certain meanings is made possible, and not others, in *new normal*, thereby contributing to enunciative studies.

Keywords: 1. Meanings; 2. Semantics of the Event; 3. Pandemic; 4. New normal

LISTA DE FIGURAS

Imagem 01: Dados da pandemia no Brasil, 2023. Fonte: *World Health Organization*

Imagem 02: Dados da pandemia no Brasil, 2026. Fonte: Ministério da Saúde, Brasil

Imagem 03: O que existe de científico e de paranoia no chamado ‘novo normal’?

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. CAPÍTULO I	7
AS MARCAS DA HISTÓRIA QUE DETERMINAM OS SENTIDOS DE NOVO NORMAL	
PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL	7
2.1. Um breve percurso histórico de epidemias no Brasil	7
2.1.2. O acontecimento da pandemia da Covid-19 que produz a linguagem	11
2.1.3. O SUS e as vacinas	21
3. CAPÍTULO II	26
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO	26
3.1. Semântica da Enunciação e Acontecimento	26
3.1.2. Recortes	31
3.1.3. Procedimentos de análise	32
3.1.5. Designação	34
4. CAPÍTULO III	38
UMA ANÁLISE SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA DOS SENTIDOS DE NOVO NORMAL NO	
ACONTECIMENTO DA PANDEMIA DA COVID-19	38
4.1. Recortes 01 e 02	39
4.1.2. Recortes 03 e 04	44
4.1.3. Recorte 05 e 06	46
4.1.4. Recortes 07 e 08	48
4.1.5. Recorte 09	50
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
6.1. Webgrafias	57

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está inscrita na linha de pesquisa, Estudos de Processos de Significação, do Programa de pós-graduação Stricto Sensu em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado –UNEMAT. Tomamos como objetivo desenvolver um estudo na perspectiva semântico-enunciativa das relações em que leva o nome a significar no acontecimento da linguagem. Nesse sentido, o *corpus* a ser analisado considera sistematização e teorização da expressão *novo normal* em enunciados presentes em títulos de notícias em portais digitais, observando os enunciados na historicidade do acontecimento.

Nossas análises propõem uma discussão sobre como se constituem os sentidos na linguagem e como vão significando instavelmente por estarem expostos ao real, a materialidade da história. Assim, nossa pesquisa se ancora nos construtos teórico-metodológicos da Semântica do Acontecimento/Enunciação, iniciado no Brasil por Guimarães (2002, 2018).

A coleta de textos que compõem o *corpus* é constituída por meio de pesquisas online. Nos colocamos na posição de leitor que busca na internet fontes confiáveis sobre determinado assunto. Uma vez que, inseridos enquanto participantes e agentes dos fatos presentes e pertinentes à realidade do contexto da pandemia, somos também observadores desse processo enquanto histórico. A busca e identificação da expressão *novo normal* em enunciados veiculados em mídias eletrônicas como notícias, artigos e revistas propõe-se em investigar a construção de sentidos da expressão na relação entre sujeito, língua e história. Partimos de reflexões sobre como as expressões significam e ressignificam os sentidos em enunciados.

Especificamente, nossos estudos se concentram na produção de sentidos que se constituem na expressão *novo normal* em acontecimentos enunciativos que dizem da pandemia da Covid-19. Para tanto, a construção de pesquisa é permeada à literatura científica teórica que sustenta as análises linguísticas dos nossos recortes e por pesquisas bibliográficas em literatura específica à temática das emergências de pandemias.

Refletir sobre a expressão *novo normal*, amplamente utilizada durante os momentos críticos da Covid-19 no Brasil, é pertinente para entendermos como os sentidos são construídos na/pela linguagem. As discussões a serem apresentadas sobre os sentidos da expressão *novo normal* consideram também as transformações impostas pela pandemia que ainda se faz presente, a realidade que persiste nos desafios com os descasos na saúde pública.

Dessa forma, por meio do funcionamento enunciativo, em que a significação é histórica, a Semântica do Acontecimento proporciona suporte teórico para a compreensão das relações de significação no acontecimento em que os sentidos são produzidos. Assim, organizamos os recortes de forma temporal-sócio-histórica de um período em que a propagação do vírus da Covid-19 fragilizou as relações sociais em escala global.

A colaboração internacional e o compartilhamento de dados intensificados foram imprescindíveis para encontrar soluções mitigadoras mais rápidas. A pesquisa e desenvolvimento de vacinas, resultou em tempo recorde a criação e distribuição de imunizantes, eficazes contra a Covid-19. As pandemias exemplificam como crises de saúde deixam marcas permanentes na sociedade. Durante a pandemia de Covid-19, observamos uma transformação emergencial em diversas áreas, como o trabalho remoto, tornando-se uma norma por meio do isolamento social. E com o convívio social restringido, o cotidiano passou a ser intermediado com o auxílio de tecnologias digitais.

É nesse momento sócio-histórico que buscamos aprofundar as análises do funcionamento enunciativo de enunciados em notícias que circularam na pandemia de Covid-19. Uma vez que, conforme Dias (2018, p. 65), quando falamos, “[...] nos situamos numa relação com o espaço de enunciação que determina o alcance dos sentidos do que dizemos”. Portanto, vamos observar como a construção de sentidos na expressão *novo normal* no acontecimento enunciativo da pandemia da Covid-19 nos meios de comunicação é marcada por sua complexidade e contradições impostas pelo funcionamento da linguagem.

Nesse sentido, momentos de crises instauram mudanças, não somente na ordem das práticas sociais, cujos efeitos se manifestam em diferentes âmbitos, mas também na linguagem. Assim, buscando compreender e contribuir com os estudos semânticos enunciativos e entender o acontecimento sócio-histórico da pandemia é que surge a proposta de desenvolver esta pesquisa junto ao Programa de Mestrado em Linguística da UNEMAT.

Nossa dissertação está organizada conforme se segue:

No capítulo primeiro intitulado *1. As marcas da história que determinam os sentidos de novo normal na pandemia da Covid-19 no Brasil*, apresentamos como as epidemias e pandemias que marcaram de forma significativa o Brasil se revelam não apenas como crises de saúde, mas também como marcos de profundas transformações sociais, políticas e culturais e como se relacionam com a pandemia da Covid-19. Na sequência, para o segundo capítulo, *2. Fundamentação teórica: Semântica do Acontecimento*, abarcados por uma perspectiva enunciativa para compreender os sentidos no acontecimento da pandemia da Covid-19,

apresentamos por meio da teoria da Semântica do Acontecimento os procedimentos de análise realizados no capítulo seguinte. Desse modo, no terceiro e último capítulo, 3. *Uma análise semântico-enunciativa dos sentidos de novo normal no acontecimento da pandemia da Covid-19*, desenvolvemos nossas análises pensadas a partir de como os processos de designação e reescrituração da expressão *novo normal* nos portais de notícias digitais no Brasil significam na produção de sentidos no acontecimento.

2. CAPÍTULO I

AS MARCAS DA HISTÓRIA QUE DETERMINAM OS SENTIDOS DE *NOVO NORMAL* PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL

Neste capítulo nos dedicamos a apresentar um percurso histórico da formação do Brasil ligada à epidemias, até o recente cenário pandêmico da Covid-19.

A pandemia da Covid-19 parte de uma história enunciativa que estabelece relação às patologias e negligências determinantes da desigualdade social historicamente presente no Brasil. Para desenvolvermos uma discussão inicial, tomamos os estudos de pesquisadores de diferentes áreas das ciências biológicas e da história a respeito das seguintes doenças: Chagas, febre amarela, dengue até alcançarmos a Covid-19. Utilizamos os registros e dados do portal da FIOCRUZ (Fundação Oswaldo Cruz), principal centro de pesquisa de ciência e tecnologia em saúde ligada ao Ministério da Saúde, para discutirmos sobre o pilar estratégico do SUS (Sistema Único de Saúde), representante de um lugar de dizer oficial.

Assim, destacamos nos propomos também a pensar sobre as epidemias de escala mundial (as pandemias), suas manifestações políticas, para tecermos alguns comentários sobre o trabalho e papel das mídias digitais enquanto fontes confiáveis que dizem sobre determinado assunto, para compreendermos os sentidos produzidos no acontecimento da pandemia da Covid-19.

2.1. Um breve percurso histórico de epidemias no Brasil

As doenças, como as gripes, foram letais para as populações que não mantinham contato com os colonizadores do Novo Mundo no século XV. Trazidas pela colonização europeia com os povos nativos das Américas, e que já habitavam as terras brasileiras, essas populações não possuíam imunidade para combater os sintomas mais graves, dado o isolamento entre as civilizações. Dado os períodos de exploração predatória vindas com a colonização em , dizimaram populações inteiras e desencadearam as trocas de patógenos nocivos, restritos a um grupo ou região.

São inúmeros os impactos que as populações indígenas sofreram, pois, uma vez que viviam isolados e passaram a interagir com os colonos, seja por comércio, conflitos ou ocupação territorial, os riscos de surtos de epidemias também aumentaram com a degradação dos ecossistemas preservados.

Assim como no passado, a pandemia da Covid-19 se mostrou devastadora com a exposição a novos patógenos, evidenciando como comunidades vulneráveis sofrem de maneira desproporcional os impactos das epidemias. Para efeitos de comparação, selecionamos três epidemias de doenças contemporâneas que marcaram o Brasil, apresentadas em ordem cronológica: doença de Chagas, febre amarela e dengue. A doença de Chagas e a febre amarela causaram grandes surtos de transmissão na vida da população durante os períodos de um Brasil camponês, menos industrializado. Estudos realizados pela FIOCRUZ e pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca¹ encontraram em Minas Gerais, mais especificamente na região do Vale do Peruaçu, múmias de pelo menos 4.500 a 7.000 anos com infecção do protozoário *Trypanosoma cruzi* transmitido pelo inseto em que parasita, conhecido popularmente por barbeiro.

O controle da disseminação da doença de Chagas teve grande êxito em 2006, quando pôde ser completamente erradicada a transmissão direta pelo vetor:

A doença de Chagas era muito comum no século XX: em 1970 ela ocorria em mais da metade do território brasileiro e havia 5 milhões de brasileiros portadores dessa doença. Hoje ainda existem 2 milhões de pessoas no Brasil que sofrem de Chagas, mas desde 2006 foi interrompida a transmissão dessa doença pela picada do barbeiro. (TELAROLLI JUNIOR, 2012, p.58)

Assim como a Chagas expôs problemas históricos da América Latina na saúde pública, a contaminação da Covid-19 se mostrou desigual em relação aos mais vulneráveis. Outro fator relevante no avanço das epidemias é a degradação ambiental. Por meio do avanço de novas áreas urbanas, a febre amarela é outro exemplo que marcou significativamente a população brasileira com seu início por meio da espécie invasora do mosquito *Aedes aegypti*, que chegou ao Brasil no final do século XIX e meados do século XX.

As primeiras medidas adotadas no controle da epidemia da febre amarela visaram a busca pelo controle do vetor e seus meios de reprodução. Conforme aponta o Instituto Oswaldo Cruz², em 1955 o Brasil conseguiu erradicar o mosquito de seu território. Mas com o relaxamento das medidas de controle, a disseminação da doença voltou ao país com o

¹ Disponível em: < <https://agencia.fiocruz.br/encontrado-ind%C3%ADcio-mais-antigo-da-doen%C3%A7a-de-chagas-no-brasil> > Acesso em: 28/04/2022

² Disponível em: < <https://www.ioc.fiocruz.br/dengue/textos/longatraje.html#:~:text=Em%201955%2C%20o%20Brasil%20erradicou,em%20todos%20os%20Estados%20brasileiros> > Acesso em: 14/03/23

intervalo de apenas cinco anos, ocupando todos os Estados brasileiros e atualmente o mosquito é vetor de outros novos vírus causadores de doenças dengue, zika vírus e chikungunya no Brasil.

Atualmente, não se tem mais ocorrência de contágio nas cidades pela febre amarela, como ocorreu nas principais capitais do país em 1929, como em Recife, São Paulo e Rio de Janeiro. Conforme explica Telarolli Junior (2012, p.103),

Apesar de ser causada pelo mesmo vírus da febre amarela urbana, a febre amarela silvestre não é uma doença própria de seres humanos, pois os atinge apenas por acidente, quando estes invadem e destroem o hábitat dos animais e mosquitos que participam do ciclo da doença.

Nos últimos anos, com o desmatamento de áreas de floresta no Brasil, onde se concentram inúmeros patógenos como vírus e bactérias ainda desconhecidas, vem avançando por meio de queimadas e degradação, na medida em que vemos as instituições de fiscalização e preservação ambiental sendo cada vez mais enfraquecidas. O medo da volta dos surtos de febre amarela nas cidades é um problema real dada a relação entre o homem e a floresta por meio do crescente aumento de números de garimpos ilegais e grilagens. Até o ano de 2020, os dados levantados pelo MapBiomas³ apontam que cerca de 93,7% do garimpo no país concentra-se na selva amazônica. Os povos indígenas e isolados são os mais diretamente afetados pela mineração ilegal, estando expostos ao contágio e disseminação de doenças trazidas pelos garimpos.

Conforme dados do Relatório da Hutukara Associação Yanomami⁴, em 2021 houve uma crescente destruição de 46% do território da Terra Indígena Yanomami em relação ao ano de 2020. As áreas de ocupação se estendem entre os Estados do Amazonas e Roraima, sob constante invasão de grileiros e garimpeiros que buscam melhoria de vida nessas terras, sem amparo legal de ocupação desses territórios. O constante contato com patógenos presentes na mata e que podem ser levados para as cidades, essas ocupações por trabalhos ganharam mais força com as considerações abertamente estimuladas durante o governo do presidente

³ Disponível em: < <https://mapbiomas.org/area-ocupada-pela-mineracao-no-brasil-cresce-mais-de-6-vezes-entre-1985-e-2020> > Acesso em: 07/06/22

⁴ Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/yanomami-sob-ataque-garimpo-ilegal-na-terra-indigena-yanomami-e-propostas-para> > Acesso em: 07/06/22

Jair Bolsonaro à denominada “Mineração Artesanal e em Pequena Escala”⁵ na Amazônia Legal.

Além da transmissão da febre amarela urbana, o mosquito tornou-se hospedeiro de outras doenças. A dengue, por exemplo, apresenta mutações contínuas desde sua entrada no Brasil na década de 1980, o que dificulta o controle e a prevenção. Atualmente, as variantes do vírus da dengue presentes no país são os quatro seguintes sorotipos: DENV-1, DENV-2, DENV-3 e DENV-4. Em 2007, foi descoberta uma nova variante do vírus da dengue circulando na Malásia, o DENV-5, porém, até a publicação desta pesquisa não há registros de sua circulação no país⁶.

De forma semelhante, a pandemia de Covid-19 evidenciou como a rápida mutação de vírus pode impactar profundamente a sociedade, exigindo respostas constantes da ciência e do sistema de saúde. A cada nova variante do vírus da Covid-19, como a Alfa, Beta, Gama, Delta e Ômicron, produziram sentidos diferentes na sociedade, uma vez que as enunciações sobre elas se deram em meio à disputa entre ciência, política e mídia. A variante Gama, com origens no Brasil, no final de 2020, é um exemplo claro de como as mutações aleatórias da Covid não tiveram apenas impacto biológico, mas também discursivo e social.

Manaus foi epicentro da doença, a explosão de casos e mortes na cidade mostrou como uma mutação pode alterar drasticamente o curso da pandemia, gerando medo, insegurança e desconfiança nas políticas de saúde. No campo científico, a variante foi comunicada como mais transmissível e preocupante. Já no campo da política, porém, houve discursos que minimizaram seu impacto, criando uma disputa de sentidos sobre a gravidade da situação, influenciando diretamente a adesão às medidas de proteção e à vacinação, reforçando o papel da comunicação na construção da confiança social. Não sendo apenas um dado técnico, mas um evento que produz sentidos na sociedade.

A partir dessas reflexões, seja por questões ambientais ou sociais, os surtos epidêmicos estabelecem relações entre certos sistemas econômicos, como o capitalismo predatório, a manutenção das desigualdades sociais beneficia a preservação de hierarquias ao facilitar o acúmulo de riquezas, além de influenciar políticas e manter sistemas de classe.

Tais mecanismos ajudam a sustentar e reforçar o funcionamento do capitalismo, mantendo as disparidades que favorecem os interesses da elite econômica e política. Conforme

⁵ Disponível em: <https://www.gov.br/mme/pt-br/assuntos/noticias/decreto-institui-programa-para-o-setor-de-mineracao-artesanal-e-em-pequena-escala> > Acesso em: 07/06/22

⁶ Disponível em: < <https://www.padrao.com.br/blog/conheca-os-tipos-de-dengue-e-os-sintomas> > Acesso em: 10/04/24

explica Mascaro (2020), “o flagelo desemprego, as habitações precárias para suportar quarentenas, as contaminações em transportes públicos lotados e a fragilidade do sistema de saúde são, exata e necessariamente, condições históricas de um modo de produção específico, o capitalismo”.

Quando se trata de saúde pública, crises epidêmicas revelam como sistemas de saúde frágeis podem ser mantidos intencionalmente para beneficiar poucos, em detrimento do bem-estar coletivo. A Covid mostrou como a fragilidade estrutural não é apenas um acaso, mas um mecanismo que mantém hierarquias sociais e econômicas mesmo em momentos de crises sanitárias. Modelos econômicos que favorecem atividades predatórias, adotados por países que não priorizam atividades sustentáveis, falham em atender as necessidades da população frente às epidemias. Isso ocorre porque tais modelos enxergam nessas demandas novas oportunidades de lucratividade.

Diante desse cenário, é fundamental compreender como os sentidos da pandemia da Covid-19 são mobilizados a partir do lugar político do presidente da República do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, que lhe dá o poder de nomear e colocar na administração do país pessoas que compartilhavam de uma prática anticientífica e que se tornou uma marca no seu governo, uma vez que esse discurso era permitido no lugar social do dizer. A seguir, vamos abordar também como outras as pandemias significaram processos de mudanças nas práticas sociais e nas relações de poder que se estabelecem na sociedade e nas mídias de informação trouxeram mundialmente, até alcançarmos a atualidade da pandemia da Covid-19.

2.1.2. O acontecimento da pandemia da Covid-19 que produz a linguagem

Realizadas as considerações iniciais sobre a historicidade que cerca da pandemia da Covid-19, percebemos como os sentidos de epidemia no Brasil são complexos, uma vez que são uma forte característica da formação do país desde os períodos da colonização. As mudanças emergenciais provocadas por surtos de doenças (re)moldam os rumos da humanidade e marcam as práticas sociais. Vale ressaltar que entendemos o acontecimento da pandemia da Covid-19 como “diferença na sua própria ordem” (Guimarães, 2002, p.12). Aqui “trata-se, de um acontecimento, o acontecimento do dizer” (GUIMARÃES, p. 18, 2018). Desta forma, o acontecimento não se trata de uma ordem cronológica de fatos, mas compreendido enquanto a sua materialidade que o leva a possuir significação, determinado sócio historicamente, é compreendido como o “[...] lugar em que se trata a questão da

significação ao mesmo tempo como linguística, histórica e relativa ao sujeito que enuncia" (GUIMARÃES, 2010, p. 85). Com isto o acontecimento enunciativo configura o seu presente pela rememoração de um passado de enunciações, tal como a latência de futuro. (GUIMARÃES, 2005).

Nessa perspectiva, a pandemia da Covid-19 não produz sentidos de maneira isolada, mas no acontecimento enunciativo que mobiliza relações entre presente, memória e projeção de futuro histórico-enunciativo. Assim, “o acontecimento não está no tempo, o acontecimento constitui sua temporalidade” (GUIMARÃES, 2018, p. 38). O acontecimento da pandemia da Covid-19 rememora outras enunciações, projetando novos sentidos. Dessa forma, para compreendermos os sentidos na Covid-19, destacamos a Gripe de 1918, uma das pandemias mais significativas da história da humanidade quando se trata de crises sanitárias.

A Gripe de 1918 tem início nos Estados Unidos por volta dos anos de 1918, em plena Primeira Guerra Mundial, mas foi em sua segunda onda de contágio que a epidemia ficou marcada pela nomeação de Gripe Espanhola, devido ao grande número de mortos na Europa, principalmente em populações pertencentes à Espanha. No Brasil, a epidemia da Gripe de 1918 afetou de forma significativa a sociedade, com cerca de 65% da população adoecendo entre os meses de outubro e dezembro de 1918, período oficialmente reconhecido como pandêmico pela FIOCRUZ.

Com o intervalo em torno de um mês, a gripe já havia se espalhado pelo país. Conforme dados apontados pela FIOCRUZ, somente no Estado do Rio de Janeiro registrou-se no período da pandemia em torno de 14.348 mortes, e no Estado de São Paulo os registros apontam para 2.000 mortes. Já em todo o planeta estima-se o número 50 milhões de vítimas fatais⁷. Assim como na pandemia da Covid-19 com o levantamento de esforços para recolher os corpos, utilizando principalmente caminhões frigoríficos, na pandemia da Gripe de 1918 o serviço de coleta pública de corpos era feito de forma mais precária, em que os familiares das vítimas da Gripe deixavam os mortos na frente de casas.

Algo semelhante aconteceu no colapso funerário causado pelo coronavírus no Equador, na cidade de Guayaquil, em que circulam diversos vídeos e testemunhos sobre pessoas morrendo nas ruas e corpos esperando dias para serem coletados em casa⁸. Vamos abordar também algumas das epidemias contemporâneas que marcaram significativamente a

⁷ Disponível em: < <https://www.invivo.fiocruz.br/historia/pandemia-de-gripe-de-1918/> > Acesso em: 21/11/23

⁸ Disponível em: < <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/04/01/mortos-em-casa-e-cadaveres-nas-ruas-o-colapso-funerario-causado-pelo-coronavirus-no-equador.ghtml> > Acesso em: 12/07/26

humanidade. As pandemias de Sars, Mers, gripe A(H1N1) são alguns dos exemplos de epidemias que, assim como a Covid-19, se espalharam rapidamente atingindo níveis de contágio mundial. A Sars (Síndrome Respiratória Aguda Grave) surgiu em novembro do ano de 2002, na China, alcançando em torno de 26 países, devido à alta transmissibilidade do vírus SARS-CoV.

Com uma diferença de 7 anos após ter sido contido o alto número de transmissão do vírus da Sars, no dia 11 de junho de 2009 a OMS (Organização Mundial da Saúde) declarou situação de pandemia da influenza causado pela cepa do vírus A(H1N1), devido ao seu impacto em escala global. Com suas origens atribuídas ao México, a doença da Gripe H1N1 ficou conhecida também como “gripe suína” devido ao fato de que o vírus, antes restrito ao contágio entre porcos domésticos, com o tempo sofreu mutações e começou a infectar os seres humanos. Voltamos nossa atenção para o intervalo entre as pandemias, pois, com cerca de 8 anos depois da pandemia da A(H1N1), o mundo se viu novamente diante de outra crise pandêmica, a Síndrome Respiratória no Oriente Médio, a Mers.

Registrada na Arábia Saudita por volta do mês de abril em 2012, a Mers está relacionada à transmissão do vírus MERS-CoV que se espalhou rapidamente em 27 países no mesmo ano de sua descoberta, permanecendo até os dias atuais sem a efetiva erradicação do contágio. Assim como na Covid-19, outras epidemias virais como influenza A(H5N1), conhecida popularmente como “gripe aviária”, mantém entre si origens por meio da transmissão de vírus que saltam de animais para humanos. Felizmente, a influenza A(H5N1) não alcançou transmissão de escala global, mas o fenômeno da íntima interação entre e animais domesticados ou silvestres, podem desencadear epidemias de doenças classificadas enquanto partes do processo de zoonose, em que um patógeno passa diretamente ou através de outra espécie intermediária para outros animais, causando mutações que passam a infectar humanos.

O crescimento de zoonoses eleva os perigos de novas pandemias, uma vez que cerca de 60% das doenças infecciosas humanas são de origem animal, conforme dados da Organização Mundial da Saúde⁹. Essa característica compartilha origens comuns entre si. Diversas doenças atuais não se dão ao acaso, normalmente podendo estar relacionadas a produção e consumo de carnes, que estão entre os principais contatos diretos com patógenos e doenças advindas de animais. Conforme um relatório da Organização das Nações Unidas

⁹ Disponível em: < <https://bvsms.saude.gov.br/06-7-saude-unica-dia-mundial-das-zoonoses/> > Acesso em: 23/11/2022

para a Agricultura e Alimentação, “[...] mais de 70 por cento das doenças humanas se originam em animais, e nossa crescente população humana está ocupando mais áreas selvagens enquanto se torna cada vez mais dependente de animais para alimentação”¹⁰. (FAO, 2013, tradução nossa)

A produção agropecuária no Brasil detém o maior percentual de desmatamento. Dados do Relatório Anual de Desmatamento do MapBiomas ¹¹ mostram que a pecuária foi responsável por percentuais de desmatamento acima de 97% nos últimos anos, e em 2021 o desmatamento aumentou em 20% em todos os biomas. As crises humanitárias estão intimamente ligadas às crises ambientais e a atividades de produção de carnes por meio de diversos fatores na criação de animais como, por exemplo, a resistência antimicrobiana.

O confinamento de animais de corte em centros de criações de pecuária intensiva para larga escala de carnes, são exemplos de possíveis formações de novas doenças devido ao fato de estarem aglomerados entre centenas ou milhares de outros animais em ambientes fechados e muitas vezes insalubres. A agropecuária e pecuária extensiva se utilizam de grandes áreas desmatadas com a finalidade de construção de monoculturas ou pastos para a produção de rações para os animais e carnes. A deterioração de áreas naturais resulta na criação e manutenção de crises ambientais e mudanças climáticas, aumentando o desenvolvimento de novas doenças a partir do desequilíbrio e degradação dos mecanismos naturais de controle de doenças.

A transmissão entre seres humanos do novo Coronavírus foi descoberto por volta do 31 de dezembro de 2019, com o primeiro registro de sua origem na cidade de Wuhan, na província de Hubei, na China. O vírus SARS-CoV-2 da Covid-19 ataca o sistema respiratório provocando doenças de síndromes respiratórias que se agravam inflamando o sistema respiratório, normalmente, ocasionando quadros graves de pneumonia com cerca de até 14 dias após a infecção.

A epidemia do novo Coronavírus chegou ao Brasil por volta do início de 2020, com o primeiro caso confirmado em 26 de fevereiro desse mesmo ano. De escala mundial, a epidemia afetou diversos setores sociais e econômicos, remodelando a vida em sociedade

¹⁰ Texto original: Over 70 percent of human diseases originate in animals, and our expanding human population is inhabiting more wilderness while becoming ever more reliant on animals for food. Extraído de: FAO. 2013. World Livestock 2013 – Changing disease landscapes. Rome
MAPBIOMAS, Relatório Anual de Desmatamento 2021 - São Paulo, 2022 - 126 páginas

¹¹ Disponível em: <
<https://mapbiomas.org/desmatamento-em-2021-aumentou-20-com-crescimento-em-todos-os-biomas-1> >
Acesso em: 23/11/2022

através de medidas e protocolos, tomadas ao longo dos períodos mais críticos de contaminação, pelos governantes nas várias esferas legislativa, judicial e executivo de âmbito municipal, estadual e federal reorganizando o cotidiano das pessoas de forma a conter os avanços da transmissibilidade da doença e seus impactos.

Um dos primeiros alertas divulgados pela OMS sobre a emergência de calamidade em saúde pública internacional para novo coronavírus foi declarado no início do mesmo ano, em 30 de janeiro de 2020. Cerca de 30 dias antes da pandemia chegar ao Brasil, já havia em torno de 7.818 casos de contaminações registradas no mundo, de acordo o Boletim Epidemiológico da organização.

Um dos primeiros esforços tomados no Brasil foi a edição da Portaria GM/MS nº 188 de 3 de fevereiro de 2020, declarando a pandemia da nova doença enquanto situação de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN). Em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV), que se seguiu por cerca de mais dois anos em vigência até ser revogada pelo Ministério da Saúde, foi declarado o fim da emergência em saúde pública de importância nacional pela Covid-19 em 22 de maio de 2022. (Brasil, 2020)

O Brasil esteve entre os países mais afetados pela epidemia. Desde abril de 2020, a coleta de dados de contaminação apresentava números que atingiam grandes picos de contaminação e mortes, como mostra o gráfico abaixo extraído da OMS e atualizado até março de 2023. Em 23 de março de 2021, o balanço do consórcio de veículos de imprensa registrou um dos maiores números de mortes desde o começo da epidemia, foram cerca de 3158 óbitos das últimas 24 horas daquele período, com média móvel de mortes de 2349.

Brazil Situation

37.076.053

confirmed cases

699.276

deaths

Source: World Health Organization
Data may be incomplete for the current day or week.

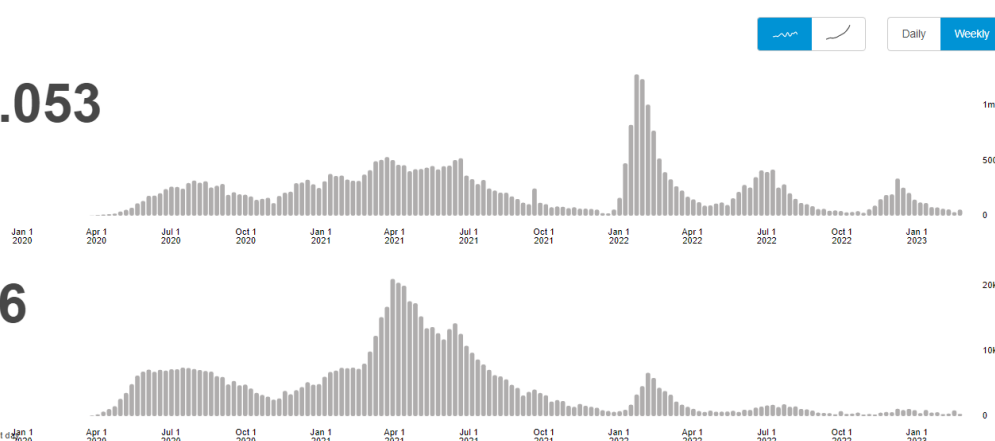


Figura 01: Dados da pandemia no Brasil, 2023. Fonte: *World Health Organization*

O que caracteriza a pandemia da Covid-19 e os seus efeitos na conjuntura político-social no Brasil, dá-se no confronto entre informações, mais especificamente, entre governo, mídia e cidadãos. A mídia exerceu papel fundamental durante a pandemia, principalmente nos

períodos mais críticos. Com mais de 960 dias de trabalho, o Consórcio de Veículos de Imprensa, criado a partir do segundo semestre de 2020, foi um projeto de divulgação de dados sobre a Covid-19 dos veículos de notícias g1, O Globo, Extra, Estadão, Folha e UOL, juntos às secretarias estaduais de Saúde. Devido a divergências com os dados oficiais de contaminados e óbitos repassados pelo governo do então presidente Jair Bolsonaro, a divulgação dos dados pela mídia fez a diferença em relação à transparência nos índices e conscientização da população sobre a epidemia, apresentando inclusive o número de vacinados.

O grupo de consórcio de veículos de imprensa mobilizaram campanhas de divulgação de informativos e propagandas em prol da vacinação contra a Covid-19 a partir de janeiro de 2021 intitulado de Vacina Sim!. Tais conteúdos de incentivo à imunização foram exibidos entre intervalos das programações da TV aberta, sites, redes sociais e jornais impressos. Com a produção das vacinas no Brasil, e baixo número de vacinados, o projeto buscou fomentar e informar a população sobre a importância que tal mecanismo de imunização tem na eficácia em minimizar o número de internações e óbitos, bem como o agravamento dos sintomas da doença.

Toda essa mobilização da imprensa deu-se em decorrência da escassez de dados oficiais sobre a situação da pandemia. Com a significativa diminuição das entrevistas coletivas do Ministério da Saúde, que a partir de junho de 2020 abdicou-se da responsabilidade de informar o número de casos e mortes, houve uma omissão crítica dos impactos da pandemia no Brasil. Conforme o ex-presidente Jair Bolsonaro (2020) publicou em seu Twitter, “Ao acumular dados, além de não indicar que a maior parcela já não está com a doença, não retratam o momento do país. Outras ações estão em curso para melhorar a notificação dos casos e confirmação diagnóstica”¹².

A Internet foi o principal meio de comunicação oficial durante a pandemia da Covid-19. Toda a mobilização da imprensa durante esse período, deu-se em decorrência da escassez de dados oficiais sobre a situação da pandemia. Assim, as mídias digitais desempenharam um papel crucial ao preencher a lacuna da ausência de informações oficiais, oferecendo canais alternativos para a disseminação de dados e discussão pública.

Durante a pandemia de CoVid-19, as redes sociais brasileiras foram saturadas com um volume imenso de informações, caracterizando um fenômeno conhecido como infodemia, em que a quantidade de conteúdo disponível não necessariamente corresponde à qualidade

¹² Disponível em: < <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1269241529387888640> > Acesso em: 23/11/2022

das informações. Embora houvesse orientações oficiais sobre medidas de prevenção como o uso obrigatório de máscaras, a disseminação em massa de notícias falsas ou contraditórias divulgadas nas redes sociais, muitas vezes disseminadas pelos próprios governantes, gerou grande confusão na sociedade.

Esse cenário se repetiu diversas vezes em relação às formas de higienização e prevenção do contágio durante o contágio da Covid no país. O presidente Jair Bolsonaro por diversas vezes questionou a eficácia e segurança das vacinas contra o coronavírus disponíveis no Brasil, em específico a CoronaVac desenvolvida pelo laboratório biofarmacêutico chinês Sinovac e produzida no Brasil pelo Instituto Butantan. Apesar dos ensaios clínicos demonstrarem que a vacina CoronaVac é altamente eficiente na prevenção de casos graves, hospitalizações e óbitos, esse lugar político permite ao presidente o poder ocupar os espaços na mídia para apresentar dados conflitantes, dificultando a população a identificar dados e evidências confiáveis, a distinguir fontes seguras, prejudicando a adesão de medidas essenciais para a proteção e combate ao contágio durante a pandemia.

Os discursos políticos realizados pelo então presidente via redes sociais, programa os algoritmos a selecionar e sugerir conteúdos com base em preferências e interações dos usuários, em especial os eleitores que elegem o representante do seu país. O presidente, ao exercer seu poder sobre a construção da informação, influencia a percepção coletiva na forma do que é conhecido como regime de informação. “Chamamos regime de informação a forma de dominação na qual informações e seu processamento por algoritmos e inteligência artificial determinam decisivamente processos sociais, econômicos e políticos”. (HAN, 2022, p.7)

Por meio dos algoritmos, ao usar as redes sociais como fonte oficial do governo, é possível que se filtrem conteúdos e os personalizem de acordo com padrões que ela própria estabelece, fortalecendo ainda mais o processo de padronização do comportamento. Institui a noção de sociedade, estabelece padrões culturais e sociais que influenciam e reafirmam visões de mundo, em que os discursos se espalham rapidamente, sem filtros, permitindo participação direta e imediata. Em contrapartida, as mídias tradicionais oferecem uma narrativa mais institucionalizada, com curadoria e checagem de fatos, mas em ritmo mais lento.

As *fake news* se utilizam dos *layouts* de manchetes para atrair o público ao circularem entre as redes sociais, alcançando rapidamente os usuários, em compensação ao jornalismo tradicional. Durante a pandemia da Covid-19, muitas vezes, a mídia tradicional precisou responder às narrativas que surgiam nas redes, seja para desmentir ou contextualizar o conflito de informações. O público/leitor diante da informação oficial do governo em

conflito com o jornalismo profissional, cria-se confusões em que leva parte da sociedade a duvidar tanto da mídia quanto das instituições oficiais que deveriam garantir informação segura. A credibilidade das notícias está intimamente ligada à forma como são comunicadas à sociedade.

A facilidade de criação e divulgação desse tipo de conteúdo, associada à autonomia que qualquer indivíduo tem nas redes sociais e em portais online como as plataformas do grupo *Meta*, *X* (antigo *Twitter*) e *Telegram*, podem potencializar o alcance e a influência dessas notícias falsas, como abordado em nossas análises o Recorte 05 extraído do Jornal da Cidade Online, no Capítulo III. Esse jornal em específico, é amplamente conhecido por publicar desinformação e conteúdos enganosos durante a pandemia da Covid-19, uma vez que sofreu decisões judiciais do TSE (Tribunal Superior Eleitoral). O veículo foi alvo de investigações e sofreu sanções, incluindo desmonetização e suspensões no seu canal do YouTube, por determinação da Justiça devido à propagação de desinformação¹³.

Agências de checagens de fatos, como a agência *Aos Fatos*, já documentaram diversas publicações com informações sobre o Jornal da Cidade Online que possui indícios que o site usa perfis apócrifos para desenvolver ataques e desinformação a respeito de políticos e magistrados. Uma vez que o excesso de informações, muitas vezes enganosas, podem influenciar as pessoas não apenas no aspecto social, mas também politicamente. Conforme explica Byung-Chul Han (2022, p. 25) observa que: “O tsunami de informação desencadeia forças destrutivas. Abrange também nesse meio tempo âmbitos políticos e leva a fraturas e rupturas massivas no processo democrático. A democracia degenera em infocracia”.

Em ambientes em que informações falsas circulam com mais facilidade, muitas vezes, carecem de mecanismos eficazes de controle de veracidade, o que facilita a sua disseminação em larga escala. A linguagem midiática trabalha com as percepções e emoções do público alvo que o noticiário almeja, conectando os fatos noticiados com a construção de uma narrativa confiável e podendo trabalhar com percepções emocionalmente impactantes.

Afetos são mais rápidos do que a racionalidade. Em uma comunicação afetiva, não prevalecem os melhores argumentos, mas as informações com maior potencial de estimular. Desse modo, *fake news*, notícias falsas, geram mais atenção do que fatos. [...] Fragmentos de informação descontextualizadas é possivelmente mais efetivo do que um argumento fundamentado. (HAN, 2022, p. 37)

¹³ Disponível em: <

<https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/03/bolsonaristas-deixaram-de-ganhar-r-31-milhoes-por-desmonetizacao-determinada-pelo-tse.ghtml> > Acesso em: 25/05/26

No mundo hiper informatizado, a democracia não se sustenta apenas na participação política formal, mas também no acesso à informação confiável e na capacidade dos cidadãos de discernirem entre o que é verdadeiro e o que é manipulado. No livro *Mídia: propaganda política e manipulação*, Noam Chomsky (2020, p.10) contrapõe duas ideias de democracia,

Uma delas considera que a sociedade democrática é aquela em que o povo dispõe de condições de participar de maneira significativa na condução de seus assuntos pessoais e na qual os canais de informação são acessíveis e livres.[...] Outra concepção de democracia é aquela que considera que o povo deve ser impedido de conduzir seus assuntos pessoais e os canais de informação devem ser estreita e rigidamente controlados. Pode parecer uma concepção estranha de democracia, mas é importante entender que ela é a concepção predominante.

A crítica apresentada nessas duas concepções de democracia, nos ajuda a compreender como quem detinha o poder de controlar as informações que chegam ao público na pandemia da Covid-19, limitavam a participação popular e mantém a direção das decisões políticas e sociais. A partir de Chomsky, podemos contrapor a realidade de muitos sistemas políticos modernos, nos quais a informação é manipulada e o poder é centralizado nas mãos de poucos, afastando a população de uma democracia efetiva e participativa.

Ao serem apropriados pelos setores populares, as mídias são utilizadas de maneira a expressar suas próprias vozes, narrativas e interesses. Isso, por um lado, fortalece a participação social e o empoderamento, permitindo que mais pessoas tenham voz em espaços dominados pela grande mídia ou por grupos com mais recursos financeiros no acesso à informação. Por outro lado, o mesmo espaço que permite expressão popular também pode ser usado para disseminar informações falsas, como ocorreu na pandemia da Covid-19 com discursos antivacina e distorções sobre “imunidade de rebanho”. Impactos esses que serão melhor apreendidos no tópico 2.1.3. *O SUS e as vacinas*.

As ações dos meios de comunicação, quando comprometidos com a democratização e o respeito aos direitos humanos, promovem o fortalecimento e divulgação de conteúdos que valorizem a cidadania, assim como ocorreu na campanha Vacina Sim!. Através do fortalecimento de uma educação midiática com divulgação de conteúdos que valorizem a cidadania, torna possível o reconhecimento das diferenças, de forma a promover uma diversidade cultural, tomando como base a construção de uma cultura sem a promoção de violências.

A forma como esses discursos circularam influenciou diretamente a percepção social e a adesão às medidas sanitárias, refletindo-se nos números de casos, óbitos, incidência e mortalidade registrados no Brasil e em suas regiões. A seguir, apresentamos a síntese desses dados, que evidenciam a dimensão da crise e a importância da comunicação social na construção da confiança pública.

Síntese de casos, óbitos, incidência e mortalidade

Brasil

	Casos	Óbitos	Incidência/100mil hab.	Mortalidade/100mil hab	Atualização
Brasil	39.318.227	716.626	18709,9	341,0	08/09/2025 09:30
Centro-Oeste	4.617.538	67.347	28333,5	413,2	08/09/2025 09:30
Sul	8.311.862	113.590	27728,4	378,9	08/09/2025 09:30
Norte	3.014.402	52.244	16355,1	283,5	08/09/2025 09:30
Nordeste	7.635.671	137.296	13379,1	240,6	08/09/2025 09:30
Sudeste	15.738.754	346.149	17809,8	391,7	08/09/2025 09:30

Fonte: Secretarias Estaduais de Saúde, Brasil, 2025

Figura 02: Dados da pandemia no Brasil, 2026. Fonte: *Ministério da Saúde, Brasil*

Os dados estatísticos da pandemia reforçam a centralidade da mídia e do SUS na garantia dos direitos fundamentais. A mídia, ao assumir um compromisso com a democratização da informação e com os direitos humanos, desempenhou papel essencial na divulgação das campanhas de vacinação e na conscientização coletiva sobre medidas de prevenção. Paralelamente, o SUS, como política pública estruturada, assegurou o acesso democrático às vacinas e tratamentos, promovendo a dignidade humana em meio à crise sanitária. Assim, a seguir, será discutida a importância das campanhas de vacinação, nas quais a mídia desempenhou um papel central na divulgação, e como a criação de um sistema único de saúde fortaleceu o acesso democrático à saúde, garantindo direitos fundamentais à dignidade humana.

2.1.3. O SUS e as vacinas

As políticas de saúde no Brasil, pensadas e implantadas a partir do SUS, têm suas origens desde a Gripe de 1918, em que os esforços dos governantes à época trouxeram reformas na estrutura federal de saúde sancionadas pelo presidente Epitácio Pessoa, dada a gravidade que a pandemia da gripe causou nas principais capitais do país entre os anos de

1919 e 1920¹⁴. A pandemia da Gripe de 1918 exigiu a criação de diretorias a fim de se pensar políticas de saúde pública enquanto prioritárias nas responsabilidades com a sociedade. Essas medidas culminaram na criação do Departamento Nacional de Saúde, que atuou na época para o combate de doenças como malária, lepra e tuberculose, estimulando, posteriormente, a criação do Ministério da Saúde em 1930, nomeado de Ministério dos Negócios da Saúde e da Educação Pública.

Atualmente, com a pandemia da Covid-19, tornou-se notável relevância de um programa de saúde pública na logística e manutenção dos mecanismos de vacinação durante um período de crise sanitária, reafirmando a necessidade de seu fortalecimento por meio da coordenação das campanhas de vacinação em massa e implementação de ações de prevenção e tratamento em momentos críticos. Até fevereiro de 2023 foram aplicadas cerca de 502.262.440 doses de vacinas no Brasil com o auxílio e distribuição realizadas pelo SUS.

A partir de janeiro de 2021, o Instituto Butantan e a farmacêutica chinesa Sinovac, por meio da produção da vacina CoronaVac, uniram esforços para imunizar a população brasileira contra o SARS-CoV-2. Um dos institutos de produção dos imunizantes de referência internacional, o Butantan é pioneiro no país em soros e vacinas. Desde sua criação por volta dos anos de 1899, dada a emergente crise epidemiológica da peste bubônica, o instituto Butantan e a FIOCRUZ atuam como pesquisadores de tecnologias de prevenção e tratamento de doenças. Na produção de imunizantes, em diversos períodos históricos, esses institutos são pioneiros, como na preparação de ovos embrionados para a produção da vacina contra a febre amarela durante a década de 30.

A grave epidemia de varíola no Brasil foi marcada por conflitos de descontentamento da população em relação à obrigatoriedade da vacinação. A revolta popular iniciou-se a partir de uma série de reformas urbanas e humanitárias, que despejou a população mais pobre dos cortiços que serviam de moradia, contribuindo para uma desenfreada contaminação em meio à crise sanitária. Um ponto central da história da saúde pública no Brasil foi a Revolta da Vacina de 1904.

Esse período foi marcado pela imposição da obrigatoriedade da imunização pelo então presidente da República, Francisco de Paula Rodrigues Alves. A medida foi tecnicamente correta, mas politicamente desastrosa: sem comunicação clara, a população reagiu com medo e revolta. Em contrapartida, durante a pandemia de Covid-19, o presidente

¹⁴ Disponível em: <
<https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-03-16/em-1918-gripe-espanhola-espalhou-morte-e-panico-e-gerou-a-semente-do-sus.html>> Acesso em: 10/11/2023

Jair Bolsonaro adotou uma posição contrária à vacinação obrigatória, e, em diversas ocasiões, questionou a eficácia e a segurança das vacinas, o que reforçou movimentos antivacina e contribuiu para hesitação vacinal. O resultado foi uma cobertura vacinal desigual, com impactos diretos no controle da pandemia.

Em ambos os casos, a comunicação entre ciência e sociedade, seja por autoritarismo ou por descrédito, a adesão popular ficou comprometida. Tanto a obrigatoriedade sem diálogo quanto a não obrigatoriedade acompanhada de discursos contrários à ciência impedem a construção de uma confiança social e uma comunicação eficaz durante os períodos de crise sanitária.

Conforme explica Telarolli Junior (202, p.131) sobre o período dos conflitos iniciais da Revolta da Vacina,

Esse episódio é muito importante porque nos mostra que, em saúde, não bastam boas intenções e bons profissionais para resolver um problema. A decisão de Oswaldo Cruz de tornar a vacinação obrigatória acabou gerando uma enorme confusão. Para que as coisas caminhem bem no combate às doenças é sempre necessário informar corretamente a população. Assim, a população será parte ativa, colaborando-se incorporando ao conjunto de medidas que sempre são necessárias para eliminar ou controlar as doenças transmissíveis.

No caso do governo de Francisco de Paula Rodrigues Alves, buscou-se rever as leis de obrigatoriedade da imunização de forma menos invasiva, priorizando a conscientização da população sobre sua importância. Esse esforço de comunicação e educação em saúde foi fundamental para ampliar a adesão às campanhas, o que levou à erradicação da varíola no Brasil e, posteriormente, à sua eliminação no mundo junto às iniciativas coordenadas pela OMS. Tornar a vacinação obrigatória contra a varíola, sem que houvesse uma comunicação clara e acessível à população, gerou resistência e até violência. Esse episódio mostra que ciência e técnica precisam dialogar com transparência e confiança social.

Assim, enquanto no início do século XX o desafio foi superar a resistência gerada pela imposição autoritária, no século XXI o obstáculo esteve na ausência de obrigatoriedade somada a dúvidas e descrédito da vacinação. Com a ampliação dos movimentos antivacinas, mais recentemente, o Brasil enfrentou a reintrodução do sarampo que já havia sido eliminada do território nacional.

O Brasil sempre foi referência nas políticas públicas de saúde com campanhas de vacinação em massa que atingiam altos índices de cobertura vacinal. Assim como na década

de 50, em que o Brasil conseguiu erradicar o vetor das arboviroses (dengue e febre amarela) através de suas políticas de saúde, em 2016 o Brasil conseguiu erradicar o contágio de sarampo até a reintrodução no país durante a cobertura vacinal desigual contra a Covid-19. A OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde) reconheceu a erradicação do sarampo na região das Américas, incluindo o Brasil, sendo a primeira zona no mundo livre de sarampo, onde a transmissão endêmica do vírus foi interrompida.

Porém, associado às baixas coberturas vacinais em vários municípios, a descontinuidade da vacinação e o avanço dos movimentos antivacinas nas redes sociais, o vírus do Sarampo voltou a circular no Brasil, principalmente durante o governo de extrema direita do presidente Jair Bolsonaro, cabendo adesão maior de estados e municípios nos investimentos em comunicação e conscientização da vacinação. Com a desmotivação aberta à imunização por parte do próprio presidente durante a crise sanitária da Covid-19, os movimentos antivacinas encontraram nele um porta-voz para a disseminação de *fake news* sobre as vacinas, o que deixou a população confusa quanto à eficácia dos imunizantes.

Desde 2018, a Organização Mundial da Saúde (OMS) vem emitindo alertas sobre o aumento e o surto de Sarampo no Brasil. Conforme apontam os dados apresentados pelo Ministério da Saúde¹⁵. Apesar da queda expressiva dos casos que, desde 2019, o número de casos de sarampo estava em queda: despencando de 20.901 registros, no referido ano, a 41 casos, em 2022. O último caso foi confirmado em 5 junho de 2022, no Amapá. (BRASIL, 2024).

O crescente número de contágios do sarampo durante esse período, estabelece uma forte relação com o termo "imunidade de rebanho", amplamente difundido pelo presidente e por esses movimentos conspiratórios durante a pandemia da Covid-19. Com o intuito de mascarar uma suposta substituição das vacinas por uma imunização natural através do contágio da doença, poderia-se atingir um número populacional de pessoas imunizadas que equilibraria a transmissão. Em regiões onde governos estaduais e municipais investiram em campanhas de conscientização, muitas vezes apoiadas por veículos de mídia locais, houve maior adesão da população. A mídia atuou como ponte entre ciência e sociedade, traduzindo informações técnicas em mensagens acessíveis, assim como em campanhas históricas como contra a poliomielite, a mídia nacional foi parceira ativa.

¹⁵ Disponível em: <
<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/junho/brasil-completa-dois-anos-sem-casos-de-sarampo#:~:text=Desde%202019%2C%20o%20n%C3%BAmero%20de,junho%20de%202022%2C%20no%20Amap%C3%A1.> > Acesso em: 15/07/24

A pandemia de Covid-19 evidenciou como discursos de descrédito e a distorção de conceitos científicos, fragilizam a confiança social. Da mesma forma, o retorno de casos tem impacto direto no nas medidas de políticas públicas e comunicação entre ciência, mídia e sociedade. A mídia tem papel decisivo na formação da confiança social, atuando em sintonia com a ciência e as autoridades de saúde para fortalecer a adesão às vacinas.

Em nossa pesquisa consideramos a questão do sentido na linguagem como determinado por questões sócio-históricas, produzidos pelo acontecimento do dizer. O acontecimento da pandemia da Covid-19 se dá na disputa entre ciência e política, revelando como os sentidos não são fixos, mas se produzem na enunciação. Guimarães (1989) a definiu do seguinte modo: “A enunciação é o acontecimento sócio-histórico de produção do enunciado” (GUIMARÃES, 1989, p.78). Nesse sentido, podemos compreender que os sentidos de pandemia constituem um acontecimento que produz sentidos distintos na sociedade. Assim, tal como considera Guimarães (2018), podemos dizer também que a enunciação é um acontecimento, um acontecimento que produz sentido.

A seguir, tratamos dos conceitos teóricos da Semântica do Acontecimento que norteiam as análises no capítulo II. Estabelecida como “uma semântica que considera que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer” (GUIMARÃES, 2005, p. 7), nosso estudo toma a teoria da Semântica do Acontecimento e da Enunciação como teoria-base para o desenvolvimento das análises.

3. CAPÍTULO II

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO

[...] lugar em que se trata a questão da significação ao mesmo tempo como linguística, histórica e relativa ao sujeito que enuncia [...] o histórico diz respeito somente à temporalidade, ou seja, a cada momento tem-se outro acontecimento

(GUIMARÃES, 2010)

3.1. Semântica da Enunciação e Acontecimento

Neste capítulo abordamos alguns conceitos apresentados pela teoria da Semântica do Acontecimento iniciada no Brasil por Eduardo Guimarães e que nos auxiliaram no Capítulo III, *Uma Análise semântico-enunciativa*. As ciências da linguagem se consolidaram como campo científico a partir do final do século XIX, impulsionadas pelos estudos linguísticos que buscavam compreender a língua para além de sua dimensão normativa e descritiva. Nesse contexto, a semântica passa a ser compreendida como parte integrante da linguística, se ocupando não apenas da significação das palavras enquanto pertencente aos componentes gramaticais ou da ordem dos sentidos literais das palavras, dicionarizados. Dessa forma não se limitando, portanto, à descrição de sentidos literais, ao contrário, a semântica da enunciação considera que o significado se constrói nas relações estabelecidas entre língua, sujeito e o real.

Os estudos na área da semântica, em especial a enunciativa, abordada por Guimarães em suas obras, buscam tratar das relações enunciativas que, por consequência, considera que a produção de sentidos se dá por falantes e línguas em um acontecimento de enunciação. “Trata-se de considerar o que se diz, ou seja, algo que se caracteriza por ter ocorrido porque alguém disse (falou, escreveu, etc)” (GUIMARÃES, 2018, p.14). A significação, portanto, objeto da disciplina de semântica, se realiza na enunciação.

O processo de enunciação, a partir da teoria enunciativa de Benveniste (1970), apresenta o conceito de enunciação na relação homem/linguagem/mundo, em que o sujeito falante faz significar ao colocar a língua em uso, ou seja, “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. (BENVENISTE, 2006, p.82). Benveniste (Idem) em *Aparelho formal da enunciação*, define a língua enquanto posta em

funcionamento por um locutor, a enunciação como o ato pelo qual o sujeito se constitui como “eu” na linguagem.

Guimarães desloca ao introduzir de forma decisiva a historicidade. A enunciação deixa de ser compreendida prioritariamente como um ato individual de um sujeito que se apropria da língua e passa a ser entendida como acontecimento. Esse acontecimento não é apenas situacional, mas histórico: ele é atravessado por dizeres anteriores, por memórias discursivas e por condições que excedem o aqui-agora do locutor. Esse ato só produz sentido porque está inscrito em uma rede histórica de dizeres, que o antecede e o determina. Não é dimensão, construção e muito menos interação. Dizer algo não é dizer historicamente. É historicidade. O sentido, então, não é efeito apenas da instância do locutor, mas do modo como o acontecimento enunciativo se relaciona com essa historicidade.

Assim, o sentido não decorre simplesmente do ato de dizer, mas da relação entre o acontecimento enunciativo e a historicidade que o atravessa. Conforme complementa Guimarães (2018, p.14) “a enunciação é o que ocorre quando alguém diz algo, quando um falante de uma língua diz uma sequência que é, de alguma maneira, reconhecida pelos falantes de uma certa língua”. Essa relação língua e falante no processo de significação constrói o movimento semântico na linguagem. Trata-se de compreender os processos de significação pela enunciação em um dado acontecimento, ou seja, refletir a significação produzida num acontecimento numa certa língua.

Nesse sentido, voltamos nosso olhar em apresentar o conceito de língua, antes de aprofundarmos no conceito de acontecimento. Guimarães reflete sobre os aspectos que caracterizam a língua, pois a enunciação se dá a partir do funcionamento de uma dada língua em suas sistematicidades próprias:

A língua pode ser caracterizada como um conjunto sistemático de regularidades com as quais é possível dizer algo verbalmente. A língua é assim um conjunto de elementos (sons, palavras, sintagmas, todo tipo de expressão) cujas relações constituem este conjunto de regularidades. (GUIMARÃES, 2018, p.14-15)

Guimarães (2018, p.15) conceitua a Semântica da Enunciação enquanto “disciplina linguística que tem como objeto o estudo da significação tomada como produzida pela prática dos falantes ao dizer algo em uma língua”. A partir das concepções de apresentadas, nos distanciamos da noção do sentido dicionarizado e transparente, mas que será conceituada

enquanto unidade de análise semântica, o enunciado, base de análise semântica do ponto de vista da enunciação.

Para Guimarães (2018, p.15) “o enunciado é a unidade de linguagem que apresenta, no seu funcionamento, uma consistência interna, aliada a uma independência relativa”. Assim, o teórico apresenta a noção de enunciado tomado enquanto unidade de linguagem presente em acontecimentos específicos. (GUIMARÃES, 2018)

Abordar as diversas características levadas em consideração que fazem os enunciados significarem e serem compreendidos enquanto enunciados é a base dos métodos de análises desenvolvidas nos estudos enunciativos: “Um enunciado tem que ser considerado enquanto um elemento linguístico em um acontecimento. Não há assim enunciados virtuais, possíveis. Há enunciados só quando ditos na enunciação”. (GUIMARÃES, 2018, p.16/17)

No quadro teórico de Guimarães, historicidade não é simplesmente “o passado” nem uma sequência cronológica de fatos. Também não é “contexto” no sentido amplo e genérico. Trata-se da condição pela qual todo dizer está atravessado por uma memória de sentidos já produzidos. quando alguém enuncia, não está “criando” sentido livremente nem apenas reagindo a uma situação imediata. Está retomando, deslocando e fazendo funcionar sentidos que já circulam historicamente. Essa memória não é individual (não é lembrança psicológica), mas social e discursiva.

Como vimos no tópico 2.1.2 *O acontecimento da pandemia da Covid-19*, no capítulo anterior, o conceito de acontecimento está relacionado a temporalidade específica na enunciação, não sendo um fato de ordem cronológica. Conforme Guimarães (2002, p. 11-12), “O que o caracteriza como diferença é que o acontecimetno temporaliza. Ele não está no presente de um antes e um depois no tempo”. Para a Semântica do Acontecimento, a enunciação é tomada enquanto acontecimento de enunciação, em que o acontecimento instala sua própria temporalidade,

A temporalidade do acontecimento constitui o seu presente e um depois que abre o lugar dos sentidos, e um passado que não é lembrança ou recordação pessoal de fatos anteriores. O passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização, tal como a latência do futuro. É nessa medida que o acontecimento é diferença na sua própria ordem: o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de conviviabilidade de tempos, sem a qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação. (GUIMARÃES 2002, p.12)

O acontecimento, portanto, se distancia do empirismo. É entendido enquanto acontecimento sócio-histórico em que os sentidos são produzidos pela temporalidade de cada acontecimento. Assim, Guimarães complementa que “a enunciação é o acontecimento do funcionamento da língua, cuja especificidade é sua temporalidade própria” (GUIMARÃES, 2018, p. 43).

Nesse sentido, é necessário levar em consideração a caracterização do político no acontecimento de enunciação que produz uma divisão dos lugares sociais de dizer e suas relações (GUIMARÃES, 2018). Ao produzir sentidos que o determina, “No acontecimento de enunciação estabelece-se uma alocação, ou seja, uma relação constituída pela prática da linguagem, pelo agenciamento dos falantes que assim dizem” (GUIMARÃES, 2018, p. 43). Assim, Guimarães discute o agenciamento do falante nos espaços de enunciação tomando-o enquanto agenciamento político da enunciação, produzido a partir da cena enunciativa.

A Cena enunciativa é assim um espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento. Os lugares enunciativos são configurações específicas do agenciamento enunciativo para “aquele que fala” e “aquele para quem se fala”. Na cena enunciativa “aquele que fala” ou “aquele para quem se fala” não são pessoas mas uma configuração do agenciamento enunciativo. São lugares constituídos pelos dizeres e não pessoas donas de seu dizer. (GUIMARÃES, 2005, p.23)

Desse modo, o falante, compreendido como Locutor, é agenciado como aquele que fala para alguém, caracterizado como seu Locutário, em uma alocação tomada no mesmo espaço de enunciação no acontecimento. Assim, o falante é afetado pelos lugares sociais que o autorizam a dizer de um certo modo (locutor x), sendo uma figura política constituída nos espaços de enunciação

o espaço de enunciação é o espaço de relações linguísticas no qual elas funcionam na sua relação com falantes. Assim, não há línguas sem outras línguas, e não há línguas sem falantes e vice-versa. Um aspecto importante na configuração do espaço de enunciação é que as línguas do espaço de enunciação são distribuídas de modo desigual, não se é falante das línguas deste espaço da mesma maneira. O espaço de enunciação é, então, um espaço político do funcionamento das línguas (GUIMARÃES, 2018, p.23- 24).

Guimarães (2018, p.270) complementa a definição dessas figuras como: “Locutor: é na cena enunciativa o lugar que diz (seu correlato é o Locutário); alocutor: é o lugar social do qual se diz (seu correlato é o alocutário); enunciador é o lugar de dizer”. Assim, essas figuras da cena enunciativa são constituídas pelo acontecimento que os agenciam:

Ao agenciar o Locutor, o acontecimento constitui tanto o Locutor (L) quanto seu Locutário (LT). O Locutário é correlato do Locutor. O Locutor apresenta assim aquele que diz como um eu que fala a um tu. O funcionamento da língua no espaço de enunciação se apresenta como uma alocução de L para LT, como uma *cena enunciativa*. (GUIMARÃES, 2018, p.55)

Tomamos como pressuposto teórico a Semântica do Acontecimento, conforme Guimarães, em que a enunciação é considerada no seu funcionamento, levando em conta o espaço de enunciação, uma vez que “o dizer, concebido na enunciação, é sempre pensado nesse lugar de diferenças, semelhanças, conflitos, associações, dissociações que caracteriza o espaço de enunciação” (DIAS, 2018, p.64-65).

É pertinente destacar que tomamos a propaganda/manchete veiculada no o espaço de enunciação da internet, enquanto um acontecimento enunciativo num espaço de enunciação configurado pelo agenciamento das figuras enunciativas e a sua natureza política, “tendo em vista que se diz a partir do alcance social do dizer, e o enunciado circula e é entendido segundo sentimentos, compromissos, alianças, tensões que permeiam os homens, dados os seus papéis sociais” (Idem). Segundo Guimarães (2017, p. 31), “Uma cena enunciativa se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra, dados as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas”. Assim, a cena enunciativa é uma configuração e especificação do espaço de enunciação.

Por meio do funcionamento semântico-enunciativo, em que a significação é histórica, a Semântica do Acontecimento proporciona suporte teórico para a compreensão de como as expressões linguísticas significam no enunciado. Assim, é o funcionamento semântico que abre a relação dos enunciados com o texto. Conforme explica Guimarães (2018, p.150): [...] “os elementos que constituem o enunciado significam em virtude de suas relações de integração no enunciado e do enunciado ao texto.”

Nesse sentido, o significado de uma palavra ou expressão não existe de forma isolada, mas depende das relações que estabelecem em um enunciado. Esse enunciado, por sua vez, só produz sentidos por integrar o texto. A seguir, será apresentado o conceito de designação

na perspectiva semântico-enunciativa, que não é compreendida enquanto sinônimo de referência, mas sim na relação que um elemento de um enunciado estabelece ao se referir a algo significando a partir de sua relação com o enunciado e com o texto. (GUIMARÃES, 2018)

3.1.2. Recortes

Considerados a partir da perspectiva de unidade discursiva (Orlandi, 1984), os recortes são tomados enquanto fragmentos que se correlacionam na linguagem, compreendidos na análise enunciativa enquanto fragmentos do acontecimento da enunciação (Guimarães, 2018).

Assim, nossos recortes de análise foram selecionados a partir de pesquisas na *internet* em busca de textos jornalísticos que apresentassem a expressão *novo normal* no enunciado-título, dos quais selecionamos os seguintes veículos de notícias: Revista Fórum, Correio Braziliense, Jornal da Cidade Online e Revista Veja. Veiculadas cronologicamente em mídias digitais conforme o decorrer do primeiro ano da pandemia da Covid-19, em 2020, os recortes apresentam os seguintes enunciados: “Novo normal” a nova expressão da reengenharia social do coronavírus; O novo normal não é o normal; O que existe de científico e de paranóia no chamado ‘novo normal’?; O ódio de classes e o novo normal; O tal novo normal: como a rotina foi alterada em todo o mundo em 2020”.

Desta forma, trouxemos os enunciados-títulos, enquanto tomadas em uma perspectiva enunciativa em que a enunciação é tomada como o lugar que produz a significação. Uma vez que, “Pelo recorte as formas linguísticas aparecem como correlacionadas em virtude de terem uma mesma relação com o acontecimento independente da posição na sequência”¹⁶. (GUIMARÃES, 2018, p.76).

Dessa forma, apresentamos os procedimentos teórico-metodológicos que orientam este estudo. Propomo-nos a desenvolver uma análise do funcionamento semântico-enunciativo dos enunciados-títulos definidos como *corpus* deste trabalho. Por meio dessas análises, mostrando em que medida essa materialidade linguística produz sentidos na relação língua, sujeito e história.

¹⁶ Noção também presente em Guimarães (1987) e Guimarães (2011b)

3.1.3. Procedimentos de análise

Uma formulação central para compreender esse funcionamento é apresentada por Eduardo Guimarães (2005, p. 28), ao tratar da reescrituração: “[...] esse movimento de predicação na duração do presente pelo memorável significa porque projeta um futuro, o tempo da interpretação no depois do acontecimento no qual ao ser reescriturado é refeito pelo reescriturante”.

Por meio dos modos de reescrituração, em que se faz interpretar algo como diferente de si predicando algo ao reescriturado, é possível compreender as relações semânticas em que os elementos linguísticos significam e ressignificam, de forma que se faz interpretar algo como diferente de si predicando algo ao reescriturado. Conforme Guimarães (2005, p. 28), “[...] esse movimento de predicação na duração do presente pelo memorável significa porque projeta um futuro, o tempo da interpretação no depois do acontecimento no qual ao ser reescriturado é refeito pelo reescriturante”.

Para compreendermos melhor o procedimento de sondagem, Guimarães (2018, 75-76) explica que,

A sondagem se caracteriza por encontrar, por exemplo, um enunciado, em um recorte do acontecimento de enunciação, e explorar este enunciado enquanto elemento deste recorte e assim integrado ao texto que se recorta. Cada sondagem pode ser relacionada a outras sondagens que possam indicar a necessidade de modificação na análise, que possa eventualmente reformulá-la, que possa colocá-la em questão.

Algumas metodologias de análise sobre o sentido construído na significação em um enunciado, que por sua vez, significa pela relação que estabelece com o acontecimento em que funciona, enquanto enunciado de um texto. A significação é funcionamento semântico do enunciado enquanto inscrito em um acontecimento de enunciação, isto é, o modo como ele significa em determinadas condições, atravessado pela historicidade e pelo memorável. O sentido, por sua vez, constitui o efeito desse funcionamento, produzido na relação do enunciado com outros dizeres, o memorável e com o acontecimento. Guimarães (2018, p. 18) aponta que,

Trata-se, no caso, de encontrar acontecimentos de enunciação específicos que apresentem uma relevância para se refletir sobre a questão da linguagem e seu modo de produzir sentido. Estas sondagens colocarão, em pauta, enunciados existentes, em textos existentes, e poderão ser relacionadas com outras sondagens que podem confirmar, infirmar, aprofundar, modificar o que se conseguiu com sondagens já realizadas

Desta forma, a obra de Guimarães nos leva à compreensão sobre os estudos semânticos enquanto estudo dos sentidos dos enunciados, apontando para a enunciação enquanto o acontecimento do dizer. Segundo Guimarães (2018, p.19), “o acontecimento da enunciação se apresenta como um acontecimento de linguagem. Enquanto tal este acontecimento ocorre num espaço específico de enunciação”.

Dessa forma, a constituição desse espaço de enunciação, que não é um espaço físico, se dá na relação língua/falante. Sob essa perspectiva, o espaço de enunciação se configura nesse espaço em que a língua agencia o falante a dizer segundo o funcionamento de suas sistematicidades próprias. Os falantes incorporam papel fundamental no funcionamento da significação produzida pela enunciação.

Nos estudos enunciativos, o falante é falante enquanto figura linguística, um ser de linguagem, que só fala porque é afetado e agenciado pela língua que o constitui. Assim, Guimarães (2018, P.22) aponta que a enunciação é o acontecimento do funcionamento da língua no espaço de enunciação.

Os sentidos construídos pelas expressões linguísticas no acontecimento enunciativo, por meio das regularidades da língua no processo constitutivo dos falantes, são carregados por polissemias de significados daquilo que pode ser dito e que estão em constantes mudanças a partir do lugar de possibilidade, a futuridade, logo, os sentidos não são únicos e estáveis, mas estão em um constante movimento de novas cargas semânticas a partir do presente do acontecimento.

Outro aspecto importante da análise se dá quanto à articulação, o modo como se articulam os enunciados. De forma a explorar as questões sobre como a constituição de sentidos que produzem a argumentação sustenta o que se diz, a articulação direciona a significação em um determinado texto, por exemplo, desenvolvendo as relações de sentidos no texto produzindo o sentido dos enunciados e o sentido no texto. (GUIMARÃES, 2018, p.113)

A articulação, portanto, é elemento fundamental da argumentação enquanto marca pela língua a argumentatividade da enunciação. Segundo Guimarães (2018, p113),

Isto produz uma orientação do sentido das relações entre enunciados no texto próprias do funcionamento enunciativo destes enunciados, em virtude de suas articulações. A esta orientação do sentido é que chamamos de argumentatividade.

A semântica da enunciação proporciona suporte metodológico/teórico para a compreensão e desenvolvimento de análises sob a perspectiva dos estudos do funcionamento enunciativo dos enunciados na produção de sentido. A cena enunciativa agencia o falante, em Locutor no espaço de enunciação, de modo que as relações de argumentação se tornam próprias da cena enunciativa na construção argumentativa, pois “a apresentação pelo locutor para seu alocutário de uma relação de sentidos que orienta a direção do dizer, considerada como necessária” (GUIMARÃES, 2013, p. 271). O direito ao falar é dividido no espaço de enunciação, o autor toma a argumentação como política já que o seu sentido não é persuadir e sim sustentar um lugar social.

Diante dessas considerações, a seguir, será discutido o acontecimento de enunciação, de forma a explorar como as expressões linguísticas significam nos espaços de enunciação a partir das cenas enunciativas. O espaço de enunciação não deve ser entendido como um lugar físico nem como o “contexto” imediato em que alguém fala. Trata-se de um espaço de funcionamento da língua, do conjunto de condições que tornam possível um enunciado e signifique em um acontecimento enunciativo. Tal teoria será fundamental para aprofundar a análise semântico-enunciativa dos enunciados em notícias na internet analisadas no Capítulo III.

3.1.5. Designação

Ao discutirmos sobre o processo de designação, é importante compreendermos que a designação não é sinônimo de nomeação ou referência no campo da Semântica do Acontecimento. Guimarães apresenta em seus estudos reflexões e análises sobre a designação no funcionamento da linguagem com o mundo: “A designação faz parte do modo de a linguagem significar o mundo, tornando possível falar dele, tornando possível, inclusive, fazer referência às coisas” (GUIMARÃES, 2018, p.07). Ao considerarmos o estudo da significação, bem como sua constituição, entendemos que sua relação designativa é estabelecida pelo

acontecimento do dizer, conforme Guimarães (2002, p.9), a designação é compreendida como a “significação de um nome [...]”. Nesse sentido, podemos dizer que palavras, enunciados e textos significam no funcionamento da linguagem, na enunciação, levando em consideração a língua, o sujeito e a história, “o fundamental quanto à designação é pensar que ela é o sentido de um nome pelo qual ele recorta o real, o mundo das coisas” (GUIMARÃES, 2018, p. 154).

Como um processo que estabelece uma relação entre a linguagem e o mundo, a designação se estabelece na e pela linguagem permitindo se referir ao mundo, mas não como uma mera descrição de algo preexistente. Conforme Guimarães (2018, p.154): “A designação, de alguma maneira, constitui uma relação com o real pela qual podemos falar dele. A designação é uma relação entre a linguagem e o mundo. O mundo tomado não enquanto existente, mas enquanto significado pela linguagem”.

Portanto, ao tratar da designação na perspectiva enunciativa, Guimarães (2005, p. 40) evidencia que o sentido se produz entre diferentes lugares enunciativos, determinados pela temporalidade do acontecimento:

O processo enunciativo da designação significa, então, na medida em que se dá como um confronto de lugares enunciativos pela própria temporalidade do acontecimento. Este confronto recorta e assim constitui um campo de “objetos”. Se se mudam os lugares enunciativos em confronto recorta-se um outro memorável um outro campo de “objetos” relativos a um dizer.

Desse modo, o significado de uma palavra não é reduzido à simples correspondência com um objeto ou conceito no mundo:

Não se trata de dizer que o sentido das palavras diz simplesmente respeito ao objeto que ela pode referir em enunciações específicas. [...] É preciso tratar as palavras nas relações que suas enunciações constroem. E assim se pode observar a designação enquanto o modo de significar o que aparece mostrado como existente. (Guimarães, 2018, p.156)

Assim, a significação enquanto própria das relações que se estabelece na e pela linguagem, compreende estudar como ao dizer algo fala-se das coisas, em que os nomes identificam os objetos, “enquanto uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história”. Guimarães, 2005, p.09)

É uma relação na qual se dá o lugar da significação do argumento, com a qual se permite considerar que o que se diz demonstra, prova e garante aquilo se pode concluir, concretizando determinados fatos apresentados em determinada enunciação. Ou seja, a argumentação se dá na relação de sustentação que um *eu* faz a um *tu* relativamente a *algo* sobre o que *fala*. (GUIMARÃES, 2018)

A argumentatividade da relação L-AL, em que o alocutor apresenta a argumentação se dá por relações de argumentatividade próprias da língua. Conforme explica Guimarães (2013, p. 276), “a argumentatividade linguística é significada como uma orientação própria da relação do L -AL”. Nesse sentido, o conceito de argumentatividade significa enquanto um processo que se constitui pelo acontecimento de enunciação. Para Guimarães (2018, p.109), será “especificamente na relação de locução pela apresentação que o alocutor faz do enunciador, lugar da significação do argumento”. Ou seja, a argumentatividade é compreendida enquanto significação produzida pela enunciação, permitindo, assim, a sustentação daquilo que se enuncia.

Nosso *corpus* pertence à conjuntura social e política contemporânea, sendo escolhido a partir de acontecimentos diversos. Assim, a partir dos construtos teóricos levantados a partir da Semântica do Acontecimento, no próximo capítulo desenvolvemos nossa análise segundo os recortes selecionados para o qual nos propomos compreender a sustentação argumentativa que a expressão linguística *novo normal* produz sentidos em enunciados-títulos de alguns portais de notícias do Brasil sobre o tema da Covid-19..

Nessa perspectiva enunciativa, a argumentação se dá enquanto uma relação produzida pelo agenciamento do alocutor (al-x) e pela instituição em que se filia seu alocutário (at-x), em que a sustentação é relativa do que se inicia. Desse modo, a argumentação é significação produzida pela enunciação. (Guimarães, 2018)

Assim, as análises desenvolvidas a partir do movimento semântico da expressão *novo normal* em enunciados em portais de notícias que circularam no Brasil no ano de 2020, pretende compreender as determinações enunciativas apresentadas nos textos jornalísticos, que se referem a pandemia da Covid-19, será explorada por meio de acontecimentos diversos em que a expressão passa a significar. Bem como, a análise da expressão enquanto um elemento que marca uma posição argumentativa, produzindo o sentido de sustentação argumentativa independente da intenção de quem fala, em que não se trata da argumentação enquanto pertencente a ordem intencional, do argumento enquanto uma mentira ou verdade.

Se assim fosse, seria concebê-la fora das relações de sentidos. Mas, em seu funcionamento, a partir das

[...] relações linguísticas de argumentatividade, o alocutor (al-x), ao apresentar o enunciador, sustenta uma conclusão a partir de uma articulação de lugares de dizer. [...] A argumentação é uma relação que se constitui na cena enunciativa, do lugar social de alocutor, com o que se diz para um alocutário, como sustentação de conclusões por enunciados do texto. (GUIMARÃES, 2018, p.126)

Nesse sentido, torna-se fundamental observar como a argumentatividade se articula com os processos de significação, evidenciando que o sentido não se reduz à intenção individual, mas se constrói na cena enunciativa. Com base nesses pressupostos, vejamos no próximo capítulo como a análise da expressão *novo normal* nos permite verificar que a argumentação se inscreve em uma historicidade dos sentidos e evidencia como os enunciados sustentam os sentidos. A seguir, em nosso terceiro capítulo observamos a partir de uma análise-semântico enunciativa a produção de sentidos de *novo normal* no acontecimento do dizer.

4. CAPÍTULO III

UMA ANÁLISE SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA DOS SENTIDOS DE *NOVO NORMAL* NO ACONTECIMENTO DA PANDEMIA DA COVID-19

No presente tópico nos interessa dizer dos sentidos e processos de significação que sustentam o uso da expressão *novo normal* nos enunciados/notícias. Ao pensarmos nos conceitos propostos pela Semântica do Acontecimento e da Enunciação, nosso estudo irá apresentar, nos tópicos seguintes, os recortes selecionados para o desenvolvimento das análises sobre o funcionamento semântico-enunciativo construído no/pelo acontecimento do dizer, a partir de enunciados pertencentes a conjuntura social atual.

Para tanto, consideramos necessário retomar os principais conceitos desenvolvidos nos estudos enunciativos apresentados no capítulo anterior para analisar o processo de designação da expressão *novo normal*. Nos propomos a compreender como a expressão *novo normal* que vai se ressignificando nos enunciados de análise, refletindo as questões sobre a construção de uma pluralidade semântica no acontecimento do dizer.

Em um primeiro momento, observamos como se dá a configuração da cena enunciativa e suas divisões durante o agenciamento enunciativo, Locutor (L), locutor-x (l-x) e, Enunciador (E) e depois analisando os enunciados através dos procedimentos de articulação, reescrituração e designação. Conforme Guimarães (2002), o “L é então o lugar que se representa no próprio dizer como fonte deste dizer”, nesse sentido, o Locutor fala predicado por um lugar social: “o locutor (com minúscula) sempre vem predicado por um lugar social que a variável “x” representa (presidente, governador, etc.)” (GUIMARÃES, 2002, p. 24).

Em nossas reflexões, realizadas a partir do aporte teórico da Semântica do Acontecimento, busca compreender o funcionamento enunciativo da significação enquanto histórica, analisada a partir do funcionamento da linguagem nos diferentes modos de redizer o já dito resultante na produção de relações de sentido no texto, observado pelo memorável inscrito no acontecimento enunciativo. Conforme Guimarães, “a enunciação é o acontecimento do funcionamento da língua, cuja especificidade é sua temporalidade própria”. (GUIMARÃES, 2018, p. 43)

Nesse sentido, a análise não se volta para unidades isoladas, mas para enunciados situados, considerados em sua materialidade linguística e em sua relação com o texto e com o acontecimento enunciativo em que se inscrevem. Assim, interessa observar como

determinados dizeres mobilizam o memorável, sustenta a produção de sentido, bem como se configuram os lugares enunciativos que participam desse funcionamento.

Do ponto de vista metodológico, a análise semântico-enunciativa mobiliza procedimentos como a descrição da cena enunciativa, a identificação dos agenciamentos (Locutor, locutor-x e Enunciador), e a análise dos processos de articulação, designação e reescrituração. Tais procedimentos permitem explicitar como os enunciados produzem sentido, não como resultado de uma intenção individual, mas como efeito da relação entre língua, historicidade e acontecimento.

Neste trabalho, adotamos as seguintes expressões como uma denominação metodológica na pesquisa: denominamos de enunciado/título o primeiro enunciado do recorte/manchete e denominamos de enunciado/subtítulo o enunciado que sucede o enunciado/título, correspondente ao subtítulo das notícias, bem como será denominado enunciado/imagem a imagem que acompanha os outros enunciados presentes nos recortes e enunciado/notícia que são excertos extraídos da íntegra da notícia. Nossos recortes são de notícias que se configuram no espaço de enunciação do Português do Brasil, veiculadas na internet, “já que a Internet se constitui como um espaço de circulação” (DIAS, 2015, p. 279). E assim, o Locutor “se apresenta como origem do que se enuncia” (GUIMARÃES, 2011, p. 23). Nesse sentido, com o objetivo de compreender a produção de sentidos nos enunciados presentes nos recortes, iniciamos apresentando as sequências enunciativas que compõem nossos recortes.

4.1. Recortes 01 e 02

O enunciado/título (R 01) e enunciado/subtítulo (R 02), foram extraídos do portal revistaforum.com.br, que apresenta uma notícia sobre política. Publicada pela Revista Fórum, em 25 de maio de 2020, data que situa no tempo crônico da manchete analisada, formada pelos recortes do enunciado/título e enunciado/subtítulo, respectivamente:

- R 01: ““Novo normal”: a nova expressão da reengenharia social do coronavírus”
- R 02: “O chamado “novo normal”, coisas que anteriormente seriam consideradas anormais que depois tornam-se normais, aceitas pelas condições adversas.”

Consideramos, inicialmente, o *novo normal* refere-se a um termo que foi muito veiculado durante os primeiros anos para descrever as mudanças nas práticas sociais, no desconhecido evento sem precedentes no mundo contemporâneo das mídias digitais e redes sociais decorrentes da pandemia de COVID-19, que a população mundial se encontrava imersa. que o *novo normal* é uma formação nominal em que *novo* é um determinante de *normal*.

Olhando morfológicamente, *novo normal* trata-se de uma junção de dois adjetivos, conforme **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**, que apresenta os seguintes verbetes:

➤ “Novo”¹⁷ é um adjetivo que significa: que existe ou que apareceu há pouco tempo, que é recente, que não existia antes.

➤ “Normal”¹⁸ é um adjetivo que significa: conforme a norma; regular; que é comum e que está presente na maioria dos casos; habitual, natural, usual.

Quando usados juntos, formam uma locução adjetiva que designa o diferente do que era considerado habitual anteriormente, algo que se tornou comum ou aceito como padrão no contexto em que o texto circula, designando um estado ou condição específicos no acontecimento. Portanto, o *novo normal* denota a nova realidade ou os novos padrões que surgiram em resposta a mudanças significativas na sociedade e, assim, implicam uma adaptação a novas circunstâncias da pandemia da Covid-19.

A cena enunciativa em que o Locutor (L), a Revista Fórum, enquanto locutor institucional, ou seja, como instituição jornalística que publica a manchete por meio do seu Locutor-x (l-x), o jornalista/redator que formula o texto. Observamos então que O Locutor (L), ao enunciar é tomado enquanto alocutor-jornalista/redator que diz na perspectiva do enunciador individual, nos apresenta o *novo normal* não como simples adaptação, mas como um evento que reorganiza sentidos sociais. Isto é, o *novo normal* passa a significar novas práticas sociais, esse movimento direciona sentidos que sustentam o argumento de uma reengenharia social causada pelo evento do coronavírus, assim o alocutário-leitor da revista é afetado pelos sentidos produzidos nesse acontecimento enunciativo.

¹⁷ Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=novo> > Acesso em: 25/05/26

¹⁸ Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/normal/> > Acesso em: 25/05/26

Essa formação nominal *novo normal* em R 01, é reescriturada pelo que vem no aposto depois dos dois pontos *a nova expressão da reengenharia social do coronavírus*, que assim dá um sentido ao *novo normal*. A reescrituração coloca a expressão *novo normal* como relativa a uma reengenharia social. Isto é o que vai abrir o novo de espaço de sentido para *novo normal*, que então não significa simplesmente por ser especificado por *novo*, mas mais significativamente pelo que acaba por definir *novo normal*.

No enunciado/título transcrito acima encontramos os seguintes aspectos: a expressão *novo normal* é uma expressão que ganha destaque no acontecimento da quarentena do coronavírus, podendo ser parafraseado por:

➤ Enunciado 01: A expressão *novo normal* surge como uma nova expressão que designa uma reengenharia social, consequência da pandemia de coronavírus.

A expressão *novo normal* surge como designação para reengenharia social causada pelo coronavírus, porque o acontecimento de coronavírus é um fato novo que altera o que então era considerável por senso comum enquanto aceitável como normalidade do cotidiano da sociedade. Nesse sentido, reconfigura-se também as designações de anormalidade no enunciado/subtítulo, parafraseamos assim:

➤ Enunciado 02: O chamado *novo normal* que, de algum modo, coisas que anteriormente seriam consideradas anormais que depois tornam-se normais, aceitas pela sociedade pelas condições adversas.

O terceiro enunciado apresenta mais argumentos para a tese de que *novo normal* é uma expressão que reescreve os conceitos de normalidade e anormalidade. Nota-se também o conceito de aceitação quando coisas tidas enquanto anormais tornam-se normais, aceitas. Assim, retoma-se o sentido de que *novo normal* designa reorganização de uma prática social atípica, pois *novo normal* passa a produzir sentidos a partir de condições adversas, ou seja, a partir de novas necessidades comportamental da sociedade.

Ao analisarmos a complexidade da linguagem, nos deparamos com as relações que vão se estabelecendo entre língua, falante e o real, uma vez que, o falante que enuncia é aquele que é afetado pela língua e se constitui em Locutor produz o enunciado, ou seja, aquele que diz algo na enunciação, um Locutor sempre atravessado histórica e socialmente. Quanto aos enunciados, não partimos da perspectiva de apenas um fato ocorrido no tempo cronológico, mas aquele que adquire sentidos no acontecimento do dizer considerando sempre a relação da língua, da história e do falante.

Desse modo, a partir das relações linguísticas textuais, vamos observar o movimento de sentidos a partir das necessidades sociais. Assim, nos propomos realizar uma análise comparativa entre R 01 e R 02.

Destacamos que os dois enunciados são manifestações enunciativas situadas histórico-socialmente durante a pandemia de COVID-19. Ambos os enunciados reconhecem o *novo normal* como uma construção linguística, marcada por aspas e comentários reflexivos, mas mobilizam a expressão *novo normal* de forma diferente no modo como a expressão é introduzida e desenvolvida no texto. Dada as mudanças abruptas no modo de vida, trabalho e relações sociais durante a pandemia, a expressão começa a ser utilizada de forma a interpretar e dar sentido às transformações sociais durante e pós-pandemia, um marco de ruptura e processo contínuo de adaptação, normalização e aceitação da nova realidade.

A priori, a expressão *novo normal* pode ser compreendida, a partir dos enunciados acima, como um eufemismo para descrever um processo de transformação social que, conforme o enunciador apresenta no R 01, é imposto por uma necessidade social causada pelo coronavírus. A expressão é apresentada como algo que visa remodelar a sociedade de acordo com interesses específicos. Podemos também mobilizar sentidos de controle, planejamento ou transformação consciente das normas sociais para o termo “reengenharia social”, a partir de coisas que anteriormente seriam consideradas anormais que depois tornam-se normais, como apresentado no R 02.

De forma a compreender os sentidos no acontecimento enunciativo da pandemia da Covid-19, em que a expressão *novo normal* passa a circular, mobilizarmos as metodologias de análises apresentadas no capítulo anterior, que nos permitirá observar os sentidos silenciados e as relações designativas que vão se estabelecendo entre os enunciados.

No enunciado/título (R 01), a “reengenharia social” se apresenta como uma metáfora enunciada pelo enunciador como mecanismo argumentativo que reescritura por substituição *novo normal*. Já no enunciado 02, a expressão *novo normal* é reescriturada por expansão enquanto resultado da “reengenharia social”, apresentada por meio de um processo descritivo e explicativo que vai nos apresentar o aspecto histórico no enunciado, em que a expressão passa a significar as pressões sociais aceitas pelas condições adversas do coronavírus.

O enunciado/subtítulo (R 02) apresenta a naturalização social do conceito de *novo normal*. A antonímia “anormais” → “normais” presentes no enunciado 02, constroem sentidos que estabelecem relações com significados que passam a se assemelharem, nesse caso são considerados equivalentes, pois “anormais” e “normais”, mesmo podendo possuir

significados opostos, nesse acontecimento passam a terem sentidos considerados sinônimos, uma vez que sua proximidade conceitual estabelece relações de sinonímia ao se referirem a mudanças sociais, percepções e adaptações, tornando-as semanticamente próximas. Os termos vão ressignificando enquanto se relacionam com outros textos e é isso que constrói o movimento semântico da expressão *novo normal* nos enunciados dos recortes em análise.

Podemos observar também que o Locutor nos apresenta a expressão entre aspas, que marca um diferencial, em certa medida, um chamamento especial para a expressão, como se particularizasse a expressão. A reescrituração especificadora "a nova expressão da reengenharia social do coronavírus " sustenta o argumento que faz significar *novo normal* como algo necessário para as práticas sociais do cotidiano.

No fragmento “O chamado novo normal”, no R 02, a expressão é precedida pelo termo "chamado". O enunciado oferece uma explicação processual: "coisas que anteriormente seriam consideradas anormais" passam a ser "normais", vinculando um sentido de aceitação em oposição ao sentido de novo.

As relações que se estabelecem entre a expressão e conceito a partir dos dois enunciados que apresentam *novo normal* podemos apresentar como se segue:

No enunciado 01, o sentido de “mudança” é implícito quando relacionada à reengenharia, assim como o conceito de normalidade está implícito, dado como oposição ao novo;

No enunciado 02 o conceito de “mudança” é explícito, apresentado por processo de adaptação com ênfase em diferentes aspectos da mudança, bem como ao pensarmos no conceito de normalidade explícito no enunciado se dá como resultado da adaptação em diferentes concepções de normalidade

Durante a sondagem exploramos as relações internas e externas dos enunciados, permitindo observar como os sentidos são construídos com o uso de advérbios como "anteriormente" para marcar a temporalidade.

A seguir, parafraseamos respectivamente os enunciados R 01 e R 02 para visualizarmos o movimento semântico que apontam para mudanças e/ou transformações de valores sociais que emergem nos enunciados e que estabelecem relações com o sentido de naturalização:

➤ Enunciado 03: A transformação social imposta pela pandemia do coronavírus é conhecida pela expressão “novo normal”;

➤ Enunciado 04: É chamado de “novo normal” a mudança das normas sociais em razão das circunstâncias aceitas pelas adversidades.

Dessa forma, podemos visualizar que no Enunciado 03 apresenta o *novo normal* como uma designação que sintetiza uma transformação social, em que o enunciador apresenta a designação de coronavírus enquanto agente que impõe mudanças. O sentido aqui produzido é de naturalização, uma vez que a pandemia força uma reorganização e que passa a significar como algo “normal”. Por outro lado, no Enunciado 04 reformula o dizer, em que o *novo normal* é uma mudança de normas sociais, e esse sentido sustenta que essa mudança é aceita uma vez que decorre das adversidades. Esse movimento semântico apresenta a ideia de que práticas antes anormais são legitimadas, ou seja, naturalizadas pelo acontecimento da Covid-19. A seguir apresentamos o R 03 e R 04, nos quais nos enunciados são mobilizados sentidos semelhantes de normalidade ao *novo normal* da reengenharia social do coronavírus, ao mesmo tempo que nega o sentido dicionarizado visto anteriormente de *normal*.

4.1.2. Recortes 03 e 04

Extraídos do *site* correiobraziliense.com.br e noticiados no dia 10/09/2020, os recortes a seguir apresentam o enunciado/título e enunciado/subtítulo que promovem uma discussão sobre a expansão epidêmica do novo coronavírus no mundo. O recorte refere-se a um artigo de opinião publicado pelo Correio Brasiliense (L), em que o al-jornalista/redator, apresenta o enunciado/título e enunciado/notícia:

➤ R 03: “O novo normal não é o normal”.

➤ R 04: “O coronavírus espalhou-se por etapas. Deu os primeiros sinais na China nos fins de 2019, atravessou as fronteiras europeias, bateu às portas da América. Chegou ao Brasil em 26 de fevereiro de 2020. O mundo, apanhado de surpresa, aos poucos aprendeu a conviver com o vírus”.

Aqui, na F 02, vemos na cena enunciativa que E apresenta a afirmação de que o *novo normal* não deve ser confundido com o *normal*, o que reforça um sentido de ruptura entre o *novo* de *novo normal* à *normal*. O al-jornalista/redator, ao apresentar o E ao público sustentando o sentido de que o coronavírus impõe uma nova ordem social no R 04, assim como no enunciado/título no recorte da Figura 01 em que o al-x apresenta o sentido de *novo*

normal relativo a uma *reengenharia social*, enquanto que em R 03 o al-jornalista/redator enuncia ao at-leitor, o leitor, de forma a refletir sobre a diferença dos sentidos entre *normal* e *novo normal*.

Apresentado acima, o enunciado/notícia no R 04 apresenta o memorável por constituir-se na rememoração da trajetória inicial da pandemia. Esse passado é organizado em uma sequência temporal que recupera acontecimentos do presente da enunciação. Na enunciação, porém, o aspecto mais importante é que esses fatos não aparecem como uma cronologia neutra. Eles são selecionados e encadeados pelo E para construir um determinado sentido, podendo ser compreendido que a pandemia foi um processo gradual, mundial e inesperado, diante do qual a humanidade precisou adaptar-se. O memorável é constituído pela rememoração do surgimento e da disseminação inicial da COVID-19: China → Europa → Brasil.

Quando falamos em *novo normal*, compreendemos o reconhecimento de um padrão anterior de normalidade alterado de forma significativa, ou seja, as práticas, valores, normas e os sentidos que foram prevalentes e aceitáveis antes do acontecimento não são mais suficientes, não sustentam um contexto transformado. Assim, a normalidade em conjunto com o novo ressignifica o antigo padrão de normalidade, isso nega o sentido de normalidade estável associada ao normal.

Observamos agora que o enunciado/título presente na Figura 02, *o novo normal não é o normal*, traz novas mudanças no sentido. Por ser especificado por novo, acaba por negar o sentido de normal à normal. Há assim uma certa contradição entre “o normal” e “o novo normal”. Esse movimento de sentido no enunciado/título marca uma contradição semântica em que o adjetivo “novo” implica algo diferente e possivelmente transitório, enquanto que “normal” sugere estabilidade e permanência. No enunciado, o termo “novo” que qualifica o “normal” de uma certa maneira, subverte a expectativa de continuidade e regularidade que *não é o normal* sugere.

Ao relacionarmos os recortes entre si, a fim de pensarmos em como se dá essa relação de contradição com o sentido apresentado na Figura 01 de *reengenharia social*, observado na análise do recorte anterior, a negação entre os termos *novo* e *normal* reflete a complexidade e a profundidade dos sentidos que reconfiguram a compreensão do que é considerado *normal*. Assim, essa relação que se estabelece entre o *novo normal* e o *normal* no R 03, sustenta o sentido de que o mundo foi surpreendido e precisou aprender a conviver com o vírus, mas

essa convivência não equivale a uma volta ao sentido de *normal* aqui apresentado. Enquanto que em R 02 há a possibilidade do sentido de naturalização, em R 03 sentido de desnaturalização de *novo normal* é apresentado ao at-leitor ao mesmo tempo que nega o retorno ao sentido de *normal* no acontecimento da pandemia da Covid-19.

Essa diferença mostra como a cena enunciativa se marca pela disputa de sentidos, uma vez que a expressão *novo normal* pode ser reescriturada por *não é normal* apresentando o sentido de contraditório, produzindo sentidos distintos dos sentidos da normalidade no social. Dessa forma, os sentidos de *novo normal* não estão relacionados apenas a uma descrição neutra, mas uma construção de sentidos que também podem carregar exageros ou medos sociais, por exemplo, como veremos melhor a seguir no R 05.

4.1.3. Recorte 05 e 06

A seguir apresentamos os recortes R 05 e R 06 extraídos do *site* jornaldacidadeonline.com.br. Noticiada em 02/11/2020, publicada pelo Jornal da Cidade Online, a matéria apenas está na íntegra exclusivamente para assinantes da Revista A Verdade, na sua 9º edição em formato digital. A notícia apresentada pelos enunciado/título e enunciado/imagem na figura abaixo, se configura em uma discussão sobre a evidência científica. O recorte apresenta os seguintes enunciado/título e enunciado/imagem, respectivamente:

➤ R 05: “O que existe de científico e de paranóia no chamado ‘novo normal’?”

➤ R 06:

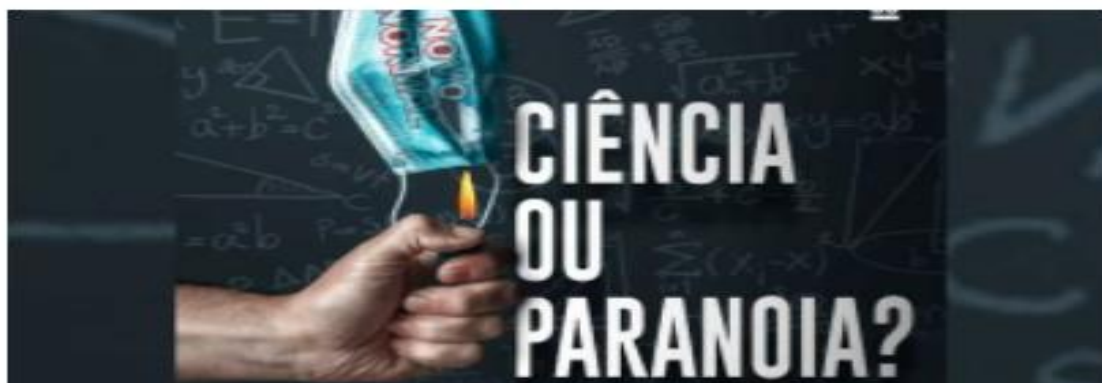


Figura 03: O que existe de científico e de paranoia no chamado 'novo normal'?. Fonte: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/24319/o-que-existe-de-cientifico-e-de-paranoia-no-chamado-novo-normal>

A expressão *novo normal* no R 05 é designada tanto pela prática científica quanto pela prática paranoica. Desse modo, os sentidos do que é científico fornecem uma base sólida para a adaptação e a inovação em resposta a novas condições, orientando práticas sociais informadas e racionais. Em contrapartida, os sentidos em paranoia que predica *novo normal* se contrapõe a percepção dessas mudanças, paranoia enquanto reações exageradas ou infundadas às mudanças e aos riscos percebidos.

Vemos que há uma certa construção nas relações de sentidos que funcionam no enunciado em que há a predicação de um *novo normal* predicado por *ciência* e um outro *novo normal* predicado por *paranoia*. Outro aspecto importante a ser analisado é que *novo normal* no enunciado da Figura 03, rememora o acontecimento pandemia que reconfigura o sentido de científico e paranoia. No contexto do *novo normal* da Covid-19, o sentido de pandemia transforma a percepção de normalidade, ciência e paranoia.

A construção semântica do enunciado/título *O que existe de científico e de paranoia no chamado 'novo normal'?* traz à luz uma complexa rede de sentidos em oposição e interação. A prática científica e a paranoia representam forças opostas como eventos significativos. A partir da perspectiva do enunciador individual, o Locutor (L), ao enunciar é tomado enquanto alocutor-jornalista/redator que diz, o *novo normal* é colocado tanto enquanto fundamentado cientificamente quanto fruto de paranoia social. Dessa forma, al-jornalista/redator apresenta o enunciador sustentando a dúvida sobre a legitimidade do termo, enquanto at-leitor é agenciado a partir dos sentidos de validade do *novo normal*.

No R 06, podemos observar no enunciado/imagem que há uma máscara que possui a inscrição *novo normal*, com uma mão logo abaixo segurando um isqueiro, indicando que está colocando fogo nessa máscara e, na lateral, está seguida pelos dizeres *ciência ou paranóia?*. Partimos do princípio que é importante considerar que há uma oposição entre a prática científica de produzir conhecimento e servir como elemento de orientação para práticas sociais, e a paranoia, que seria da ordem das práticas, assim como o sentido de paranoia afeta o sentido desse *novo normal* no tanto no enunciado/imagem, quanto no enunciado/título (R 05): *O que existe de científico e de paranoia no chamado 'novo normal'?*.

Temos aqui no R 06 a máscara designada por objeto descartável, passível de destruição. Uma combinação de texto e imagem que inscreve-se no acontecimento da ciência e paranoia na disputa de sentidos na esfera pública. Assim, alocutor-jornalista/redator, na

configuração da cena enunciativa, apresenta o sentido dúvida em *novo normal*, aquilo que pode ser queimado/destruído, na tensão entre os sentidos de ciência e paranoia. Dessa forma, al-jornalista/redator apresenta o enunciador ao at-leitor, sustentando o sentido de que o *novo normal* é uma construção questionável, ao qual ao at-leitor que é agência a refletir se o *novo normal* é racionalidade científica ou paranoia social.

O enunciado/imagem mobiliza o memorável da pandemia: uso de máscaras → discursos sobre ciência → fake news. A imagem da máscara sendo queimada funciona como reescrituração visual de *novo normal*, em que não é apenas questionado, mas simbolicamente destruído. A escrita no enunciado/imagem *ciência ou paranóia?* articula dois polos semânticos de contradição, que produz uma divisão dos lugares sociais de dizer e suas relações (GUIMARÃES, 2018)..

A cena enunciativa mostra como o L produz sentidos que não apenas descreve o *novo normal*, mas o coloca sob suspeita. Diferente do R 01, que naturaliza *novo normal* como *reengenharia social*, e do R 03 que desnaturaliza a expressão no dizer *não é o normal*, aqui no R 06 a expressão parte da enunciação *ciência ou paranoia?*. O sentido de contradição em *novo normal* no enunciado/imagem se dá por atravessado por diferentes lugares de dizer que contestam os sentidos de *novo normal*.

A seguir, veremos como são mobilizados os sentidos de normalidade em um *novo normal*, mas diferente dos sentidos de naturalização do R 02, e de paranóia nos recortes anteriormente analisados, por sentidos que tensionam entre ódio de classes e naturalização de bizarrices.

4.1.4. Recortes 07 e 08

Para os nossos próximos recortes, apresentamos, abaixo, os recortes R 07 e R 08 que também foram extraídos do portal revistaforum.com.br, sendo uma notícia sobre política, assim como em R 01. Em 12/12/2020, a revista Fórum (L), publicou em seu artigo de opinião a seguinte enunciado/título:

➤ R 07: “O ódio de classes e o novo normal”

Seguido pelo enunciado/subtítulo:

➤ R 08: “Para derrotar Bolsonaro será necessário derrotar o novo normal. É preciso derrotar essa naturalização da bizarrice, da tragédia e de um tipo de criminoso que se tornou protagonista da política”

Para iniciarmos, analisamos o enunciado/título do R 07, que sugere os sentidos sobre como a polarização social, a desigualdade e os conflitos entre grupos econômicos e sociais se consolidaram como elementos recorrentes da vida contemporânea no acontecimento da pandemia, uma vez que apresenta *o ódio de classes* em paralelo a *o novo normal*. Esse sentido possui uma interdependência com o enunciado/subtítulo no R 08, no qual apresenta combinação de *ódio de classes* a uma crítica à normalização das tensões que o ódio entre classes sociais foi naturalizado, tornando-se parte de um novo normal à intensificação da polarização política que acentuou os conflitos de classe, fazendo com que eles passassem a funcionar no cotidiano. Dessa forma, a sociedade passa a conviver com os sentidos de desigualdade, intolerância e antagonismo social como se fossem inevitáveis.

No R 08, a priori, observamos que o *novo normal* está Aqui a reescrituração por substituição por substituição por *naturalização da bizarrice, da tragédia*, sustenta sentidos para o argumento de negatividade da expressão de *novo normal*. Vejamos que o sentido aqui não é paranoia, nem ciência conforme constatamos no recorte anterior da Figura 03. Assim, no enunciado/subtítulo *Para derrotar Bolsonaro será necessário derrotar o novo normal*, a expressão *o novo normal* marca o sentido de manutenção da liderança de Bolsonaro que está intrinsecamente ligada à aceitação de novas normas e práticas políticas e sociais que são compreendidas enquanto problemáticas, ou seja, a naturalização da bizarrice, da tragédia.

Ao associar o governo de Bolsonaro à emergência de um *novo normal* caracterizado por comportamentos e situações anormais que se tornaram aceitáveis, o termo "derrotar" evidencia o sentido a necessidade de uma transformação profunda para reverter essa nova normalidade que a expressão *novo normal* marca. A análise semântica destaca a oposição entre uma normalidade ética e a aceitação passiva de desvios negativos, refletindo um conflito essencial entre os diferentes sentidos de normalidade e governança que se inter-relacionam e se opõem.

O enunciado/notícia (R 08) mobiliza o memorável da pandemia, mas também o ressignifica no campo político, enquanto que *novo normal* não é aceito, mas combatido. Aqui não é apenas adaptação social, como no R 01 por uma *reengenharia social do coronavírus*, mas a naturalização de um cenário de ódio e tragédia. Por ser um artigo de opinião, o Locutor-x é marcado pelo posicionamento político, em que E apresenta o *novo normal* a partir do

sentido de uma naturalização negativa, uma vez que o *novo normal* é designado por *naturalização da bizarrice, da tragédia e da criminalidade política*. Assim, o al-jornalista/redator apresenta o enunciador ao at-leitor sustentando os sentidos de que derrotar Bolsonaro implica derrotar esse *novo normal* na a relação que se estabelece entre pandemia, política e naturalização de práticas sociais.

Assim, a seguir nosso último recorte de análise apresenta, diferente dos recortes anteriores (que problematizam ou criticam sentidos da expressão *novo normal*), há uma abordagem mais descritiva, que busca descrever mudanças globais apresentando o sentido de ruptura nas rotinas a partir de *novo normal*.

4.1.5. Recorte 09

Para nosso último recorte de análise, apresentamos um enunciado/título extraído do portal veja.com.br, veiculada via internet pela empresa Editora Abril. É uma notícia sobre saúde, publicada em 24/12/2020, a Revista Veja apresenta o seguinte enunciado/título:

➤ R 09: “O tal novo normal: como a rotina foi alterada em todo o mundo em 2020”

A expressão *novo normal* apresentada no enunciado/título (R 09) é reescriturado por aposto por *a rotina foi alterada em todo mundo em 2020*. Aqui, o movimento de sentido marcados pela expressão *novo normal* não retoma apenas uma descrição literal da realidade pós-pandemia, mas também um ponto de convergência de múltiplos significados. Assim, *novo normal* se torna um espaço de significação onde diferentes sujeitos sociais negociam e constroem sentidos sobre o que significa viver em uma sociedade pós-pandemia.

Na relação em que al-jornalista/redator apresenta o enunciador de *novo normal* como resultado de alterações de rotina em escala mundial ao at-leitor, o *novo normal* enquanto uma mudança factual e global para compreender os sentidos do impacto da pandemia na vida cotidiana. Aqui os sentidos de novo normal são mobilizados a partir da é de naturalização descritiva, uma vez que a expressão é usada para explicar mudanças. Na cena enunciativa, o L fala do lugar que categoriza o *novo normal* enquanto explicação para mudanças globais de rotina em 2020 pelo l-x. Em relação aos recortes anteriores, há uma diferença importante, pois enquanto que a Revista Fórum, Correio Braziliense e Jornal da Cidade Online apresentam o *novo normal* na disputa de sentidos de naturalização, ruptura ou paranoia, a Veja (L) apresenta a expressão enquanto informativa, reforçando o *novo normal* como fato social consolidado.

Na expressão *o tal* o sentido marca o desconhecido ou estranho, sugerindo que esse novo estado de coisas é algo ainda em grande parte indefinido ou incompreendido. A amplitude e a profundidade das mudanças que ocorreram em resposta à pandemia da Covid-19 nos ajudam a compreender os sentidos que surgem a partir do *novo normal* em todo o mundo destacado pela manchete em relação a extraordinária natureza dessas transformações e sugere que a vida cotidiana foi irreversivelmente alterada pela crise de saúde global.

A manchete apresenta um fato ocorrido em um contexto de distanciamento social enfrentado durante a pandemia. Portanto, a expressão *novo normal* não deve ser tomada apenas como uma locução que descreve uma realidade posterior à pandemia, mas como uma formulação que produz sentidos no próprio acontecimento de enunciação. O sentido de *novo normal* é construído pela relação de sentidos que recortam o termo “normal” no acontecimento da pandemia que significa algo diferente, como aquilo que predica *novo normal* sustenta o argumento da mudança, a partir da perspectiva enunciativa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Presentemente, eu posso me
Considerar um sujeito de sorte
Porque apesar de muito moço
Me sinto são, e salvo, e forte*

*E tenho comigo pensado
Deus é Brasileiro e anda do meu lado
E assim já não posso sofrer
No ano passado*

(Belchior, Sujeito de sorte)

Este estudo buscou compreender a expressão novo normal a partir de uma perspectiva teórica dos estudos semânticos, com foco no processo de designação da palavra nos acontecimentos de linguagem em que se manifesta, explorando a produção de sentidos na expressão *novo normal*, apresentada enquanto composição do nosso *corpus*, recortamos um fato ocorrido em um contexto de distanciamento social enfrentado durante a pandemia da Covid-19.

Em síntese, nos colocamos na posição de semanticistas para, sobretudo, analisarmos os enunciados enquanto unidade de significação que integra o texto e que produz sentido na enunciação, considerando que sempre haverá um novo sentido. Conforme Guimarães (2011, p. 22), apresenta o texto como “[...] uma unidade de sentido integrada por enunciados. Ou seja, um texto não é um conjunto de enunciados, nem é uma unidade composta de enunciados”.

Uma vez que a língua sofre influências sociais e históricas, nessa perspectiva consideramos o *acontecimento* decorrer desta pesquisa. Os capítulos anteriores procuraram destacar aspectos relevantes dos elementos que constituem os sentidos da expressão *novo normal*, de modo a sustentar a reflexão proposta. Com isso, esse percurso oferece para que o leitor possa ter uma visão mais fundamentada sobre os aspectos discutidos no capítulo destinado às análises.

Assim, nosso trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro, intitulado *1. As marcas da história que determinam os sentidos de novo normal na pandemia da Covid-19 no Brasil*, no qual propomos reflexões sobre as consequências de alguns surtos de doenças resultantes epidemias e pandemias que selecionamos ao longo do tempo no Brasil para compreender como eventos influenciam impactos institucionais e sociais no contexto da pandemia de Covid-19. Na sequência, apresentamos no segundo capítulo, *2. Fundamentação*

teórica: Semântica do Acontecimento, uma passagem pelas dinâmicas linguísticas e teóricas a partir da semântica-enunciativa em que os significados emergem dos eventos de enunciação, na historicidade em que se inscrevem e os sentidos são produzidos.

Desse modo, no terceiro e último capítulo, apresentamos as análises por meio dos procedimentos de designação e reescrituração de *novo normal* nos portais de notícias digitais no Brasil. Intitulado de 3. *Uma análise semântico-enunciativa dos sentidos de novo normal no acontecimento da pandemia da Covid-19*, promovemos reflexões sobre o funcionamento enunciativo, considerando como a língua, a história e o sujeito se dão na/pela linguagem. Para isso, dividimos as análises em tópicos de acordo com os recortes apresentavam os enunciados a serem analisados a partir da identificação dos sentidos mobilizados pela expressão linguística *novo normal*, que acreditamos produzir um modo próprio de olhar para as enunciações da pandemia da Covid-19.

Assim, apresentamos os recortes selecionados para analisar as relações de designação em *novo normal*, presente em acontecimentos de linguagem de textos noticiados em mídia digital, que produz os sentidos no acontecimento da pandemia da Covid19. Conforme proposto por Guimarães, “aquilo que é designado é constituído pelo funcionamento da nomeação” (GUIMARÃES, 2005, p. 91)

Nesse sentido, podemos compreender que a expressão linguística *novo normal* é predicada por outras unidades linguísticas que se articulam para que os enunciados construam os sentidos que apresentam os dizeres da pandemia. Determinada por meio dos processos de designações que constituem a reescrituração, buscamos analisar como os enunciados retomam, transformam e substituem os sentidos de *novo normal*.

Por meio do mecanismo de reescritura, nos possibilitou visualizar o processo de retomada e construção dos sentidos que determinaram e constituíram a expressão *novo normal*, a partir de nossos recortes, em: uma reengenharia social do coronavírus; um não normal; algo científico ou paranoia; a naturalização da bizarrice, da tragédia e de um tipo de criminoso que se tornou protagonista da política; e uma rotina alterada em todo o mundo em 2020.

Para isso, ao analisarmos a construção da cena enunciativa, podemos perceber que se estabelece uma relação dos alocutores jornalistas com o que se diz nos enunciado/título, enunciado/subtítulo, enunciado/notícia e enunciado/imagem, afetados pela alusão (GUIMARÃES 2018), do enunciador (lugar de dizer) àquilo que se diz do lugar social de dizer. Com nosso *corpus* podemos compreender como os sentidos significam instavelmente

por estarem expostos ao real, uma vez que o acontecimento instala o modo de ver o mundo ao enunciarmos sobre o vivido.

Para concluirmos, vale ressaltar que a pandemia da Covid-19 impôs uma realidade central na transparência de informações. A ausência de dados por parte do governo e a falta de uma comunicação clara, contribuíram para a ampliação da incerteza e da insegurança social durante um período extremamente desafiador que uma pandemia impõe. As incertezas na comunicação oficial não apenas gera desinformação, mas também compromete a capacidade da sociedade e dos gestores públicos de tomar decisões precisas e implementar práticas e estratégias adequadas para enfrentar crises emergentes de saúde.

Nesse sentido, a desinformação que se consolidou durante a pandemia da Covid-19 fortaleceu a divulgação de informações contraditórias sobre a Covid a fim de abalar a confiança nas instituições e polarizar a sociedade durante períodos críticos. A mídia desempenhou um papel crucial na promoção do direito à livre expressão e no acesso à informação, sendo fundamental para alcançar o maior número de brasileiros. Esse impacto da mídia na pandemia da Covid-19 foi decisivo para informar a população sobre os riscos, medidas de prevenção e a importância da vacinação, influenciando diretamente os índices de saúde pública.

O acesso à informação confiável e segura torna-se essencial no combate de doenças, bem como a ampliação aos serviços públicos de qualidade em que hospitais mais preparados para evitar a superlotação. Portanto, é crucial que políticas públicas sejam direcionadas para assegurar que todos os cidadãos tenham acesso aos recursos e serviços necessários para enfrentar momentos de crise sanitária, uma vez que são as populações mais pobres são as mais afetadas por estarem na marginalidade e desassistidas.

A democratização da informação no acesso às tecnologias de comunicação desempenham papel fundamental para que diferentes setores da sociedade, principalmente as camadas mais populares e marginalizadas, tenham acesso à informações baseadas em fatos, mas também que possam ter acesso aos meios para produzir e compartilhar conteúdos, fortalecendo a cidadania e o direito à uma saúde digna e equitativa.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENCHIMOL, JL., coord. **Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. 470 p. ISBN 85-85676-98-1.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Trad. de M. G. Novak e L. Néri. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- _____. **Problemas de linguística geral II**. Pontes. Campinas, 1991.
- BRASIL. **Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018**. Dispõe sobre a proteção de dados pessoais e altera a Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014 (Marco Civil da Internet). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 15 ago. 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis **Plano de Contingência Nacional para Epidemias de Dengue** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. – Brasília : Ministério da Saúde, 2015. 42 p. : il. ISBN 978-85-334-2216-2
- BRASIL. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007. p. 53-56.
- DIAS, C. **A tecnologia como condição de produção do conhecimento na sociedade contemporânea: redes, memória e circulação**. In: FLORES, G. G. B.; NECKEL, N. R. M.; (ORGS)., S. M. L. G. **Análise de discurso em Rede: Cultura e Mídia**. Campinas: Pontes, 2015.
- DIAS, Luiz Francisco. **Enunciação e Relações Linguísticas**. 1. ed. Campinas: Pontes, 2018. 260p.
- _____. Língua e nacionalidade no Brasil na primeira metade do século XX. **Polifonia**, Cuiabá, v. 22, n. 31, p. 11-31, jan./jul. 2015b.
- _____. **Enunciação e relações linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2018.
- DUCROT, O. **Esboço de uma teoria polifônica da enunciação**. O Dizer e o Dito. Campinas: Pontes, 1987.
- GARCIA. Leila Posenato. **Epidemia do Vírus Zika e Microcefalia no Brasil: Emergência, Evolução e Enfrentamento**. in: Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.- Brasília : Rio de Janeiro : Ipea , 1990.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**. Campinas-SP: Pontes. 2002.

_____. **Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação.** 4 ed. Campinas-SP: Pontes. 2017.

_____. **Semântica: Enunciação e Sentido.** 1. ed. Campinas: Pontes, 2018.

_____. **Textos e argumentação. Um estudo de conjunções do Português.** Campinas-SP: Pontes. 1987.

_____. **Os limites do sentido: um estudo histórico enunciativo da linguagem.** 4. Ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

_____. **Argumentatividade e argumentação.** Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 9 - n. 2 - p. 271-283 - jul./dez. 2013.

KARIM, TAISIR MAHMUDO. **Dos nomes à história - o processo constitutivo de um Estado: Mato Grosso.** Campinas, SP: [s.n.], 2012.

LÖWY, I. **Vírus, mosquitos e modernidade: a febre amarela no Brasil entre ciência e política** [online]. Tradução de Irene Ernest Dias. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. 427 p. História e Saúde collection. ISBN 85-7541-062-8.

LUNA, EJA., and SILVA JR., JB. **Doenças transmissíveis, endemias, epidemias e pandemias.** In FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. A saúde no Brasil em 2030 - prospecção estratégica do sistema de saúde brasileiro: população e perfil sanitário [online]. Rio de Janeiro: Fiocruz/Ipea/Ministério da Saúde/Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, 2013. Vol. 2. pp. 123-176. ISBN 978-85-8110-016-6.

FAO. 2013. World Livestock 2013 – Changing disease landscapes. Rome

MAPBIOMAS, **Relatório Anual de Desmatamento 2021** - São Paulo, 2022 - 126 páginas

MARIANO, Maria Paula Maia. **Doença de chagas: patologia negligenciada como determinante para desigualdade social e fisiopatologia da cardiopatia chagásica.** Direitos exclusivos para esta edição, p. 7. 2020

NOGUEIRA, José Vagner Delmiro. SILVA, Carolina Maria da. **Conhecendo a origem do sars-cov-2 (covid 19).** Revista Saúde e Meio Ambiente – RESMA, Três Lagoas, p. 115-124, 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos.** Editora da Unicamp. Campinas, 1997.

OSTERHOLM, Michael T; OLSHAKER, Mark. **Inimigo mortal Nossa Guerra contra os germes assassinos.** Tradução Ana Rodrigues. [et al.] 1 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020. 304p.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral.** SP: Cultrix, 22ª ed., 2000.

SCUDERE, Leonardo. **Risco Digital: como a tecnologia pode agregar valor, criar novas oportunidades e reduzir fraudes**. Rio de Janeiro - RJ: Ed. Campos, 2007.

SCUDERE, Leonardo. **Risco digital na WEB 3.0: impactos, desafios e dilemas da Internet de 3º Geração e seu impacto nos negócios, governos e na defesa cibernética**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

TELAROLLI JUNIOR, Rodolpho. **Epidemias do Brasil: uma abordagem biológica e social**. SP: Moderna, 3ª ed, 2012

6.1. Webgrafias

Agência FAPESP. **Variante Gama (P.1) é mais agressiva, mas pode ser contida com vacina e lockdown, comprova estudo**. Disponível em: < <https://agencia.fapesp.br/variante-gama-p1-e-mais-agressiva-mas-pode-ser-contida-com-vacina-e-lockdown-comprova-estudo/36531> > Acesso em: 05/07/2026

BIERNATH, André. **Gripe: quais foram as maiores epidemias da história**. Veja. Disponível em: < <https://saude.abril.com.br/medicina/gripe-quais-foram-as-maiores-epidemias-da-historia/> > Acesso em: 29/10/2020.

BRASIL. **Brasil completa dois anos sem casos de sarampo**. Ministério da saúde. 2024. Disponível em: < <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/junho/brasil-completa-dois-anos-sem-casos-de-sarampo#:~:text=Desde%202019%2C%20o%20n%C3%BAmero%20de,junho%20de%202022%2C%20no%20Amap%C3%A1> > Acesso em: 15/07/24

_____. **Decreto institui programa para o setor de mineração artesanal e em pequena escala**. Ministério de Minas e Energia. Disponível em: < <https://www.gov.br/mme/pt-br/assuntos/noticias/decreto-institui-programa-para-o-setor-de-mineracao-artesanal-e-em-pequena-escala> > Acesso em: 07/06/22

_____. Decreto legislativo nº 06, de 20 de março de 2020, publicado em: Diário Oficial da União: 20/03/2020, Edição extra. Página: 1 seção Órgão: Atos do Poder Legislativo, disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/DLG6-2020.htm , Acesso em 25/11/2022

_____. **Indicadores de Imunização.** Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (CONASEMS). Disponível em: <https://portal.conasems.org.br/paineis-de-apoio/paineis/24_indicadores-de-imunizacao> Acesso em: 15/07/2024

_____. Ministério da Saúde. **Entenda a diferença entre Coronavírus, Covid-19 e Novo Coronavírus.** Disponível em: < <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/03/entenda-a-diferenca-entre-coronavirus-covid-19-e-novo-coronavirus> > Acesso em: 05/11/2020.

_____. Ministério da Saúde. **Painel Coronavírus.** Disponível em: < <https://covid.saude.gov.br/> > Acesso em: 05/11/2020.

_____. Ministério da Saúde. **Síntese de casos, óbitos, incidência e mortalidade.** Disponível em: < <https://covid.saude.gov.br/> > Acesso em: 05/07/2026

_____. **Plano de Contingência Nacional para Epidemias de Dengue.** Ministério da Saúde. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano_contingencia_nacional_epidemias_dengue.pdf> Acesso em: 07/06/22

_____. **Portaria N° 188, DE 3 DE FEVEREIRO DE 2020,** publicado em: Diário Oficial da União: 04/02/2020, Edição: 24-A, Seção: 1 – Extra, Página: 1, disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388>, Acesso em 25/11/2022

_____. **Saúde Única: Dia Mundial das Zoonoses.** Ministério da Saúde. Disponível em: < <https://bvsmms.saude.gov.br/06-7-saude-unica-dia-mundial-das-zoonoses/> > Acesso em: 23/11/2022

CHAGAS, Catarina. **Encontrado indício mais antigo da doença de Chagas no Brasil.** Agência Fiocruz. Disponível em: <<https://agencia.fiocruz.br/encontrado-ind%C3%ADcio-mais-antigo-da-doen%C3%A7a-de-chagas-no-brasil> > Acesso em: 28/04/2022

Congresso em Foco. **Bolsonaro Cria Programa Que Estimula Garimpo Na Amazônia Legal.** UOL. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/bolsonaro-cria-programa-que-estimula-garimpo-na-amazonia-legal/>> Acesso em: 07/06/22

Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de São Paulo. **Zoonoses Correspondem A Mais De 60% Das Doenças Humanas.** CRMVSP Disponível em:

<<https://crmvsp.gov.br/zoonoses-correspondem-a-mais-de-60-das-doencas-humanas/>>

Acesso em: 25/11/2022

Consórcio de veículos de imprensa. **Brasil registra pela 1ª vez mais de 3 mil mortes por Covid em um dia.** G1. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/23/brasil-registra-pela-1a-vez-mais-de-3-mil-mortes-por-covid-em-um-dia.ghtml>> Acesso em: 20/01/2023

Correio Braziliense. **O novo normal não é o normal.** Disponível em:

<<https://www.correiobraziliense.com.br/opinioao/2020/09/4874315-o-novo-normal-nao-e-o-normal.html>> Acesso em: 21/12/2021

FARIAS, Taís. **O legado do Consórcio de Veículos de Imprensa para a mídia.** Disponível em:

<<https://www.meioemensagem.com.br/midia/consorcio-de-veiculos-de-imprensa>>

Acesso em: 20/01/2023

FERREIRA, Wilson. **“Novo normal”: a nova expressão da reengenharia social do coronavírus.** Revista Fórum. Disponível em:

<<https://revistaforum.com.br/blogs/cinegnose/novo-normal-a-nova-expressao-da-reengenharia-social-do-coronavirus/>> Acesso em: 21/12/2021

FIOCRUZ. **"Garimpo cresceu 46% em 2021 na Terra Yanomami", aponta relatório.** Informe ENSP. Disponível em: <<https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/52944>> Acesso em: 07/06/22

FIORAVANTI, Carlos. **Vacina controversa.** Pesquisa Faesp. Disponível em:

<<https://revistapesquisa.fapesp.br/vacina-controversa/#:~:text=Em%201936%2C%20o%20m%C3%A9dico%20sul,como%20agente%20causador%20da%20doen%C3%A7a.>> Acesso em: 16/05/2022

FROJONI, Marjory Victória. **Consumo de carne animal está entre os principais causadores de novas doenças.** Portal impacto ambiental. Disponível em:

<<https://www.impactounesp.com.br/post/consumo-de-carne-animal-est%C3%A1-entre-os-principais-causadores-de-novas-doen%C3%A7as>> Acesso em: 23/11/2022

G1 AM. **Amazônia concentra 93% dos garimpos no Brasil: 'É assustador', diz pesquisador.** Disponível em:

<<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/08/30/amazonia-concentra-93percent-dos-garimpos-no-brasil-e-assustador-diz-pesquisador.ghtml>> Acesso em: 07/06/22

G1. Área destruída pelo garimpo cresce 46% em um ano na Terra Indígena Yanomami, diz relatório. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/04/11/area-destruida-pelo-garimpo-cresce-46percent-em-um-ano-na-terra-indigena-yanomami-diz-relatorio.ghtml>> Acesso em: 07/06/22

GARCIA, Leila Posenato; DUARTE, Elisete. Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. Epidemiol. Serv. Saúde vol.29 no.4 Brasília 2020. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742020000400001> Acesso em: 20/01/2023

HUTUKARA ASSOCIAÇÃO YANOMAMI. **Yanomami sob ataque: garimpo ilegal na Terra Indígena Yanomami e propostas para combatê-lo.** Instituto Socioambiental. Disponível em: < <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/yanomami-sob-ataque-garimpo-ilegal-na-terra-indigena-yanomami-e-propostas-para> > Acesso em: 07/06/22

ÍCARO, Pedro. **"Novo normal" veio para ficar e brasileiro deve adotar hábitos caseiros no pós-pandemia.** Correio Brasiliense. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2021/07/4939717-novo-normal-veio-para-ficar-e-brasileiro-deve-adotar-habitos-caseiros-no-pos-pandemia.html>> Acesso em: 21/12/2021

Instituto Oswaldo Cruz. **Dengue Vírus e Vetor.** Disponível em: <<https://www.ioc.fiocruz.br/dengue/textos/longatraje.html>> Acesso em: 28/04/2022

Jornal da Cidade Online. **O que existe de científico e de paranoia no chamado ‘novo normal’?** Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/24319/o-que-existe-de-cientifico-e-de-paranoia-no-chamado-novo-normal>> Acesso em: 21/12/2021

MAPBIOMAS. **Área Ocupada Pela Mineração No Brasil Cresce Mais De 6 Vezes Entre 1985 E 2020.** Disponível em: < <https://mapbiomas.org/area-ocupada-pela-mineracao-no-brasil-cresce-mais-de-6-vezes-entre-1985-e-2020> > Acesso em: 07/06/22

MAPBIOMAS. **Desmatamento Em 2021 Aumentou 20%, Com Crescimento Em Todos Os Biomas.** Disponível em: < <https://mapbiomas.org/desmatamento-em-2021-aumentou-20-com-crescimento-em-todos-os-biomas-1> > Acesso em: 23/11/2022

MGcontecnica. **Ministério da Saúde declara fim da emergência em saúde pública de importância nacional pela covid-19 a partir de 22/05/2022.** Disponível em: <<https://mgcontecnica.com.br/ministerio-da-saude-declara-fim-da-emergencia-em-saude-publica-de-importancia-nacional-pela-covid-19-a-partir-de-22-05-2022/>> Acesso em: 20/01/2023

NOVAES, Marina. **Governo Bolsonaro impõe apagão de dados sobre a covid-19 no Brasil em meio à disparada das mortes.** Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-06/governo-bolsonaro-impoe-apagao-de-dados-sobre-a-covid-19-no-brasil-em-meio-a-disparada-das-mortes.html>> Acesso em: 20/01/2023

O GLOBO. **Bolsonaristas deixaram de ganhar R\$ 3,1 milhões por desmonetização determinada pelo TSE.** Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/03/bolsonaristas-deixaram-de-ganhar-r-31-milhoes-por-desmonetizacao-determinada-pelo-tse.ghtml> > Acesso em: 25/05/2026

ONU News. **Mundo fechou semana com recorde de novos casos de Covid-19.** Disponível em: < <https://news.un.org/pt/story/2020/10/1730762> > Acesso em: 05/11/2020.

Organização Pan-Americana da Saúde. **Folha informativa COVID-19 - Escritório da OPAS e da OMS no Brasil.** Disponível em: < <https://www.paho.org/pt/covid19> > Acesso em: 05/11/2020.

Pan American Health Organization. **Cumulative confirmed and probable COVID-19 cases reported by Countries and Territories in the Region of the Americas.** Disponível em: < <https://ais.paho.org/hip/viz/COVID19Table.asp> > Acesso em: 05/11/2020.

PINHEIRO, Lara. **Decreto de Bolsonaro sobre 'mineração artesanal' é incentivo ao garimpo ilegal na Amazônia, apontam ambientalistas.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2022/02/14/decreto-que-estimula-mineracao-artesanal-visa-legalizar-garimpo-apontam-ambientalistas.ghtml>> Acesso em: 07/06/22

RIBEIRO, Amanda; MENEZES, Luiz Fernando . **Jornal da Cidade Online usa perfis apócrifos para atacar políticos e magistrados. Aos Fatos.** Disponível em: <

<https://www.aosfatos.org/noticias/jornal-da-cidade-online-usa-perfis-apocrifos-para-atacar-politicos-e-magistrados/> > Acesso em: 25/05/2026.

ROCHA, Juliana. **Pandemia de gripe de 1918**. Fiocruz. Disponível em: < <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=815&sid=7> > Acesso em: 27/10/2020.

ROCHA, Lucas. **Pandemia de gripe: dez anos depois. Como agir frente ao inevitável?**. Fiocruz. Disponível em: < <https://portal.fiocruz.br/noticia/pandemia-de-gripe-dez-anos-depois-como-agir-frente-ao-inevitavel> > Acesso em: 29/10/2020.

ROVAI, Renato. **O ódio de classes e o novo normal**. Revista Fórum. Disponível em: < <https://revistaforum.com.br/blogs/blogdorovai/o-odio-de-classes-e-o-novo-normal/> > Acesso em: 21/12/2021

Secretaria de Saúde do Distrito Federal SES. **Recebimento do protozoário (parasito), Trypanosoma Cruzi para controle dos vetores da Doença de Chagas**. Disponível em: <<https://www.saude.df.gov.br/controle-dos-vetores-da-doenca-de-chagas>> Acesso em: 28/04/2022

Secretaria Municipal de Saúde. **A escola e os estudos no “Novo normal”**. G1. Disponível em: < <https://g1.globo.com/pb/paraiba/especial-publicitario/prefeitura-municipal-de-campina-grande/informativos-covid-19/noticia/2020/10/27/a-escola-e-os-estudos-no-novo-normal.ghml> > Acesso em: 21/12/2021

Serviços e Informações do Brasil. **OMS declara emergência de saúde pública internacional para novo coronavírus**. BRASIL Gov.br Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/01/oms-declara-emergencia-de-saude-publica-internacional-para-novo-coronavirus>> Acesso em: 20/01/2023

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. **A gripe espanhola na Bahia de Todos os Santos: entre os ritos da ciência e os da fé**. Scielo. Disponível em: < http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0211-95362010000100002 > Acesso em: 05/11/2020.

Tribunal Justiça do Estado do Paraná. **O perigo das fake News**. Disponível em: <https://www.tjpr.jus.br/noticias-2-vice/-/asset_publisher/sTrhoYRKnlQe/content/o-perigo-das-fake-news/14797?inheritRedirect=false> Acesso em: 20/01/2023

WALLACE, Arturo. **Coronavírus: como foram controladas as epidemias de Sars e Mers (e no que elas se diferenciam da atual)**. BBC News. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52815216>> Acesso em: 05/11/2020.

WESTIN, Ricardo. **Em 1918, gripe espanhola espalha morte e pânico, faz escolas aprovarem todos os alunos e leva à criação da caipirinha**. Agência Senado. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/infograficos/2018/09/epidemia-de-gripe-espanhola-no-brasil-mata-presidente-faz-escolas-aprovarem-todos-os-alunos-e-leva-a-criacao-da-caipirinha>> Acesso em: 25/11/2022

World Health Organization. **WHO COVID-19 dashboard**. Disponível em: <<https://covid19.who.int/region/amro/country/br>> Acesso em: 20/01/2023